



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS-LÍNGUA
PORTUGUESA/LIBRAS/LÍNGUA INGLESA**

ADRIANA PIRES NOVAES

**SEQUÊNCIAS TEXTUAIS EM DOMÍNIO JORNALÍSTICO NO MEIO
DIGITAL: ASPECTOS DA COMPOSIÇÃO ESTRUTURAL DOS GÊNEROS**

Amargosa/BA

2019

ADRIANA PIRES NOVAES

**SEQUÊNCIAS TEXTUAIS EM DOMÍNIO JORNALÍSTICO NO MEIO
DIGITAL: ASPECTOS DA COMPOSIÇÃO ESTRUTURAL DOS GÊNEROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do curso de graduação em Letras/Libras/Língua Inglesa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito para obtenção do grau de licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jaqueline Barreto Lé.

Amargoso-Ba

2019

Ao meu querido Deus, que me sustenta em todos os
momentos,

A minha mãe Noelia e ao meu pai Alenildo por
sempre acreditarem em mim,

Aos meus avós que sempre me apoiaram



Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o ADRIANA PIRES NOVAES.

Ao décimo sétimo dia do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, às dez horas, na sala dois dos modulares (NEPEL) do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se o/a Professor/a **JAQUELINE BARRETO LÉ**, na qualidade de orientadora e Presidente da Banca de TCC, o/a Professor/a **ADRIANA DALLA VECCHIA** e o/a Professor/a **JAKELINE APARECIDA SEMECHECHEM**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *Sequências textuais em domínio jornalístico no meio digital: aspectos da composição estrutural dos gêneros.*, de autoria da/o discente **ADRIANA PIRES NOVAES**, do Curso de Licenciatura em Letras/Libras/Língua Estrangeira. Após apresentação pela/o autora/o e considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 9,5 (nove vírgula cinco)

Professor (a): **JAQUELINE BARRETO LÉ**

Assinatura: Jaqueline Barreto Lé

Nota: 9,5 (nove vírgula cinco)

Professor (a): **ADRIANA DALLA VECCHIA**

Assinatura: Adriana Dalla Vecchia

Nota: 9,5 (nove vírgula cinco)

Professor (a): **JAKELINE APARECIDA SEMECHECHEM**

Assinatura: Jakeline Semechechem

A/o discente **ADRIANA PIRES NOVAES** foi **APROVADA/O** com a média 9,5
(nove vírgula cinco)

Amargosa/ BA, 17 de dezembro de 2019

Jaqueline Barreto Lé
JAQUELINE BARRETO LÉ
Presidente da Banca de TCC

AGRADECIMENTOS

Quando se sonha sozinho, é apenas um sonho.... Quando sonhamos juntos, é o começo da realidade. (Miguel de Cervantes)

O presente trabalho não seria possível sem o contributo de várias pessoas que me ajudaram e incentivaram durante todo o percurso. É hora de agradecer!

Agradeço primeiramente a Deus, autor da minha existência, meu maior sustento para cumprir sonhos e metas da minha vida.

Em segundo, a Prof.^a Dr.^a Jaqueline Barreto Lé, por ter permitido minha entrada no grupo de pesquisa, pela competência, ensinamentos, compreensão, paciência e por todas as correções, críticas, avaliações e sugestões levantadas durante a execução do trabalho. Muito grata por tê-la como orientadora.

Agradeço imensamente a minha família, minha mãe Noelia Novaes, meu pai Alenildo Novaes, minha irmã Adriely Novaes, minha tia Jaciene Pires, minha prima querida Júlia Beatriz e toda minha família, por todo o apoio incondicional que foram transmitindo, por nunca terem deixado o desânimo fazer parte da minha caminhada, assim como pelo carinho e amor que reconstituíam minhas energias.

Aos meus verdadeiros amigos que levarei eternamente em meu coração, de um modo especial Sílvia Letícia da Silva Santana, Josiane Santos e Juliane Marques, meu muito obrigada pelo companheirismo, momentos de conversas, risadas, trocas, entreajuda, dedicação e carinho. Durante esses anos (re)pensamos nossas práticas e dispomos o melhor de cada uma para finalização do curso, tendo como objetivo nos tornamos profissionais de qualidade. Grata a Deus por ter colocado vocês em minha vida.

Ao grupo de pesquisa HIPERJOR, pelas experiências adquiridas e pelos laços construídos.

Ao grupo JUFÉC, em especial Adriana Ferreira e o Padre Natael Costa, por me proporcionar momentos de alegria e Fé junto a Deus, pelas conversas, encontros, viagens e conselhos. Vocês edificaram minha caminhada, tornando-a mais leve.

A todos os docentes, a quem devo todos os conhecimentos que fui adquirindo ao longo de todo este percurso, em especial as professoras Dra. Fernanda Maria, Dra. Ângela Vilma – professora que me apresentou a Literatura com tanto amor –, e a Dra. Adriana Dalla Vecchia – os cursos ofertados foram de grande contribuição –. A postura de vocês enquanto docentes e, sobretudo enquanto Humanas contribuíram significativamente na minha formação.

Ao Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e todos os profissionais, por todo apoio e suporte na realização deste curso.

Gostaria de deixar o meu apreço a todos os colegas do curso, em especial a turma de 2015.1, que contribuíram para que o curso e a vivência fossem mais prazerosa, aprendemos a viver com as diferenças.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-.....	29
Figura 2-.....	31
Figura 3-.....	32
Figura 4-.....	33
Figura 5-.....	54
Figura 6-.....	55
Figura 7-.....	56
Figura 8-.....	57
Figura 9-.....	59

Figura 10-.....	62
Figura 11-.....	65
Figura 12-.....	66
Figura 13-.....	67
Figura 14-.....	68
Figura 15-.....	68
Figura 16-.....	69
Figura 17-.....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-.....	37
Quadro 2-.....	39
Quadro 3-.....	40
Quadro 4-.....	41
Quadro 5-.....	43

Quadro 6-.....	46
Quadro 7-.....	69

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar, em gêneros do jornal digital, as *sequências textuais*, a partir da abordagem de Adam (1992, 2009), as quais são concebidas pelo autor como configurações linguístico-formais que se materializam nos gêneros, constituindo parte fundamental de sua estrutura composicional. A pesquisa se enquadra na perspectiva teórica da Linguística de Texto, adotando também, como ponto de partida, as noções fundamentais de *domínio* e *heterogeneidade tipológica* apresentadas por Marcuschi, 2008. Quanto à primeira noção, ele afirma que o domínio discursivo "constitui muito mais uma esfera da atividade humana, no sentido bakhtiniano do termo, do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas. [...] Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados". (MARCUSCHI, 2008:154-155). Quanto à heterogeneidade tipológica, o autor afirma que, em geral, os gêneros são formados por dois ou mais tipos textuais. A presença de várias sequências textuais em um mesmo gênero é denominada heterogeneidade tipológica. É analisada, assim, a ocorrência dos seguintes tipos textuais

nos gêneros do jornal: narrativo, descritivo, argumentativo, expositivo e dialogal. O *corpus* da pesquisa é formado por textos do domínio jornalístico, no total de 80 enunciados, sendo selecionados, como amostra, 12 textos de jornais digitais de circulação nacional (O Globo, A Folha de São Paulo e Jornal do Brasil), distribuídos em quatro gêneros digitais: 3 tweets, 3 blogs, 3 enquetes e 3 plantão de notícias. Dessa forma, conclui-se que no tweet obteve a predominância da sequência explicativa-expositiva; no plantão de notícias, observou-se a predominância da sequência explicativa-expositiva; na enquete, observou-se a predominância da sequência dialogal; e por fim, percebeu-se que os posts dos blogs são o gênero que mais possui a heterogeneidade tipológica, pois utiliza mais de uma sequência na composição textual. Por fim, constatou-se que os gêneros do domínio jornalístico possuem em sua estrutura pelo menos um tipo de sequência textual, as quais são essenciais para a composição do gênero.

Palavras-chave: Sequências textuais. Gêneros. Domínio jornalístico. Heterogeneidade tipológica.

ABSTRACT

This research aims to analyze, in genres of the digital newspaper, the textual sequences, based on Adam's approach (1992, 2009), which are conceived by the author as linguistic-formal configurations that materialize in the genres, constituting a fundamental part of its compositional structure. The research fits into the theoretical perspective of Text Linguistics, also adopting, as a starting point, the fundamental notions of domain and typological heterogeneity presented by Marcuschi, (2008). Regarding the first notion, he states that the discursive domain "constitutes much more a sphere of human activity, in the Bakhtinian sense of the term, than a principle of classification of texts and indicates discursive instances [...] It does not cover a particular genre, but gives rise to several of them, since genres are institutionally marked. (MARCUSCHI, 2008: 154-155) As for typological heterogeneity, the author states that, in general, genres are formed by two or more textual types. Thus, the occurrence of the following textual types in the newspaper genres is analyzed: narrative, descriptive, argumentative, expository, injunctive and day. The corpus of the research consists of texts from the journalistic domain, in a total of 80 utterances, being selected, as a sample, 12 texts from digital newspapers of national

circulation (O Globo, A Folha de São Paulo and Jornal do Brasil), distributed in four digital genres: 3 tweets, 3 blogs, 3 polls and 3 news shifts. Thus, it is concluded that in the tweet obtained the predominance of the explanatory-expository sequence; in the news shift there was a predominance of the explanatory-expository sequence; In the survey, the predominance of the dialogical sequence was observed; and finally, we noticed that blog posts are the genre that has the most typological heterogeneity, because it uses more than one sequence in textual composition. Finally, it was found that digital genres have in their structure at least one type of textual sequence, in which they are essential for the composition of the genre.

Keywords: Textual sequences; Genres; Journalistic domain; Typological heterogeneity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BREVE PERCURSO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL: UMA TEORIA PARA ALÉM DA FRASE	13
3 AS NOÇÕES DE DOMÍNIO, GÊNERO E TIPOLOGIA TEXTUAL	22
3.1 GÊNEROS TEXTUAIS-DISCURSIVOS E A NOÇÃO DE DOMÍNIO DISCURSIVO	22
3.2 GÊNEROS TEXTUAIS E O FENÔMENO DA INTERGENERICIDADE.....	25
3.3 OS GÊNEROS DIGITAIS NA ESFERA JORNALÍSTICA.....	27

3.3.1 Tweet.....	28
3.3.2 Blog	30
3.3.3 Plantão de notícias.....	31
3.3.4 Enquetes	33
3.4 DIFERENÇA ENTRE GÊNEROS E TIPOLOGIAS TEXTUAIS	34
4 AS TIPOLOGIAS TEXTUAIS	36
4.1 AS TIPOLOGIAS TEXTUAIS SEGUNDO JEAN-MICHEL ADAM	36
4.4.1 Sequência narrativa	37
4.4.2 Sequência descritiva.....	38
4.4.3 Sequência argumentativa.....	39
4.4.4 Sequência explicativa.....	41
4.4.5 Sequência dialogal.....	42
4.2 AS TIPOLOGIAS TEXTUAIS EM DOMÍNIO JORNALÍSTICO	44
5 ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS	49
5.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS	49
5.2 ANÁLISES DE DADOS	51
5.2.1 Tweet.....	52
5.2.2 Blog	56
5.2.3 Plantão de notícias.....	64
5.2.4 Enquetes	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS	76

1 INTRODUÇÃO

O estudo sobre os gêneros, conforme Marcuschi, “não é novo, mas está na moda” (2008, p. 147), tem se apresentado nas últimas décadas como um campo da linguística muito fértil, sobretudo, no que diz respeito à linguagem em uso e às atividades culturais, cognitivas e sociais, no sentido em que os gêneros são visualizados como entidades dinâmicas de ação social, e não, como modelos estanques, formas estruturadas, rígidas e acabadas.

Bakhtin (1997, p. 279) apresenta a definição de gênero como *tipos relativamente estáveis de enunciados*, afirmando que a variedade e riqueza dos gêneros são infinitas, uma vez que, no ato de comunicação humana, utilizam-se dos gêneros em todas as esferas de uso da língua. Nesse sentido, os gêneros são variáveis e cada esfera de utilização comporta um tipo, podendo se desenvolver/ transmutar de acordo com as modificações e necessidades da comunicação humana.

Os gêneros textuais, conforme Marcuschi (2008, p. 155), se referem aos textos materializados em situações comunicativas, apresentando características definidas pelos objetivos enunciativos, composições funcionais e estilo. Nesse sentido, todo texto é constituído de determinado gênero, e internamente esse gênero é composto por sequências textuais, que, segundo Adam (2009, p. 122), são definidas como uma rede relacional hierárquica, relativamente autônoma, dotada de uma organização interna constituída de um conjunto de macroproposições.

De acordo com o propósito comunicativo do texto, as sequências textuais que o constituem podem variar em relação aos tipos (narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo, injuntivo e dialogal) e à sua organização dentro do texto. Apesar dos textos se organizarem de maneira heterogênea, isto é, dentro de um texto pode haver mais de um tipo de sequência, mas há sempre uma sequência predominante. Isto está relacionado à situação e propósitos comunicativos que estão envolvidos na produção do texto escrito e falado.

Assim sendo, as sequências textuais são traços constitutivos dos gêneros textuais escritos e digitais, possibilitando a construção de sentido a partir da sua organização dentro do texto.

Diante das várias formas de comunicação do mundo atual, sobretudo dos meios digitais, os gêneros vão ganhando novos formatos que exigem distintos movimentos de organização textual na construção de sentido. Nessa perspectiva, levantamos a seguinte problemática: *como as sequências textuais estão organizadas nos gêneros de jornais digitais da imprensa brasileira?*. Considerando tal questionamento, por meio do qual é preciso discutir quais são os tipos de sequências textuais, assim como seus respectivos aspectos de organização envolvidos na construção textual, busca-se, neste trabalho, analisar a predominância das tipologias textuais em gêneros do domínio jornalístico, em especial, em tweets, blogs, plantão de notícias e enquete dos jornais digitais *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*, com o intuito de observar como as sequências estão organizadas dentro desses gêneros.

Além do objetivo geral, abordamos a definição de *sequência* ou *tipo textual* proposta por Jean-Michael Adam (1992), observando seus aspectos constitutivos. Ademais, verificamos em que medida a *heterogeneidade tipológica* está presente na composição estrutural dos gêneros (tweets, blogs, plantão de notícias e enquete) do jornal digital.

A hipótese básica é que as sequências textuais são imprescindíveis no processo de construção de sentido dos gêneros textuais, visto que as sequências se materializam nos gêneros, constituindo parte fundamental de sua estrutura composicional. Além dessa, elencamos mais duas, a saber: 1) os aspectos constitutivos dos gêneros, bem como o meio e a função com que esse gênero é publicado/utilizado influencia na organização estrutural do texto, uma vez que fatores como o estilo e a temática do produtor são de grande importância na escolha de utilização das sequências textuais. 2) O blog por sua extensão em relação ao tweet, enquete e plantão de notícias, provavelmente prevalece a predominância do fenômeno da heterogeneidade tipológica.

Posto isso, o interesse pelo tema do estudo surgiu a partir da minha entrada no bPIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), edital 2017/2018, enquanto pesquisadora voluntária no projeto do grupo HIPERJOR (hipertexto e jornalismo), orientado pela professora Dr^a Jaqueline Barreto Lé.

Seguindo a perspectiva teórica da Linguística Textual, as sequências ou tipos textuais serão estudadas a partir da abordagem de Jean-Michael Adam (1992, 2009). A concepção de domínio adotada é apresentada em Marcuschi (2008), a de heterogeneidade

tipológica, em Koch (2006). Em relação a noção de gêneros é abordada com base nos pressupostos de Bakhtin (1997) e Marcuschi (2007, 2011), dentre outros autores.

No intuito de abarcar os objetivos propostos, o trabalho adota inicialmente a abordagem bibliográfica, por meio de levantamento de referencial teórico na área. Em seguida, adota a análise qualitativa dos dados. O corpus da pesquisa é formado por textos do domínio jornalístico em meio digital no total de 80 textos, sendo selecionados, como amostra, 12 textos de jornais digitais de circulação nacional (O Globo, A Folha de São Paulo e Jornal do Brasil), distribuídos em quatro gêneros digitais: 3 tweets, 3 blogs, 3 enquetes e 3 plantão de notícias.

Com relação à estruturação do trabalho, a pesquisa está dividida em 5 capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se a introdução do estudo, abordando a questão norteadora, os objetivos, as hipóteses e a metodologia.

O segundo capítulo aborda, brevemente, o percurso da Linguística Textual, caracterizando as fases apresentadas até a proposta bakhtiniana de Heine (2012), tendo em vista a evolução do conceito de texto. No capítulo seguinte, tratamos dos gêneros discursivos, da noção de domínio, das características dos gêneros textuais no contexto digital, das especificidades do fenômeno da intergenericidade, apresentando a diferença entre gêneros e tipos textuais.

No quarto capítulo, abordamos a definição de sequência textual segundo Adam, especificando cada tipo de sequência. Em seguida refletimos sobre as tipologias em domínio jornalístico. No quinto capítulo tratamos do percurso metodológico da pesquisa e da análise de dados. Logo após, são apresentadas as considerações finais, seguidas das referências e anexos.

Por fim, a realização deste trabalho, tem o intuito de colaborar com as discussões acerca das sequências textuais em domínio jornalístico, contribuindo na área da Linguística textual e no tratamento dos gêneros enquanto mecanismos de interação social. Apesar deste estudo não estar focado no processo de ensino e aprendizagem, possui importante relevância na aplicação do ensino de línguas na distinção teórica entre gênero e tipo textual e no reconhecimento das sequências textuais como integrantes dos gêneros.

2 BREVE PERCURSO DA LINGUÍSTICA TEXTUAL: UMA TEORIA PARA ALÉM DA FRASE

A Linguística moderna, enquanto estudo da linguagem desenvolvido no início do século XX pelo renomado linguista Ferdinand de Saussure, em *Curso de Linguística Geral* (1916), teve como foco o estudo da descrição e análise estrutural da língua. Nessa primeira perspectiva, a língua era estudada a partir da forma, entretanto, com a ampliação dos estudos linguísticos, passou-se a analisar, a partir segunda metade do século XX, também a língua enquanto dimensão pragmática, social e discursiva do fenômeno comunicativo. Tendo em vista esse desenvolvimento do objeto de estudo, desencadearam-se ramificações da Linguística enfocando correntes teóricas em perspectivas definidas por Saussure ou em algumas divergências de seu estudo.

Em consequência, a Linguística passou a apresentar dois tipos de paradigma: o formal e funcional. Segundo Wilson (2010), a abordagem formalista focaliza seus estudos na forma, compreendendo a língua como sistema, independentemente da situação e intenção de uso na comunicação. Já a abordagem funcionalista, compreendia a língua como fenômeno comunicativo e sociointeracional, observando não só a forma, como também sua função. Foi a partir dessa segunda abordagem que surgiu a Linguística Textual, avançando para além do limite do estudo da língua. Passando por várias ampliações, seguindo orientações desde estruturalista a gerativista, a Linguística Textual consolidou-se como um novo ramo da Linguística, tendo “como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem” (FÁVERO E KOCH, 2012, p.15).

A Linguística Textual, doravante LT, surgiu na Europa por volta dos anos 60, mas foi especialmente na Alemanha que a LT começou a “desenvolver-se como ciência da estrutura e funcionamento dos textos” (FÁVERO, 2010, p. 5). Ainda, de acordo com a autora, “a origem do termo linguística textual encontra-se em Cosériu embora, no sentido que lhe é atualmente atribuído, tenha sido empregado pela primeira vez por Weinrich” (FÁVERO, 2010, p. 5).

Na história da construção da Linguística Textual, foram várias as concepções de texto, apresentando-se a cada período uma progressiva ampliação de seu objeto de

análise, assim como propostas teóricas variadas. Nessa perspectiva, sem adentrar na exausta discussão acerca da LT, explano os principais momentos de estudo seguindo as considerações de Bentes (2001). Acerca disso, Bentes (2001), afirma de uma forma geral, que é permitido distinguir três momentos da LT que abrangeram interesses teóricos bastante variados entre si. De uma forma resumida, Bentes (2010) estabelece que, inicialmente, os estudos estavam centrados na análise transfrástica, ou seja, “para fenômenos que não conseguiam ser explicados pelas teorias sintáticas e/ou pelas teorias semânticas que ficassem limitadas ao nível da frase” (BENTES, 2010, p.3). Em um segundo momento, a construção de gramáticas textuais, em que em que se postulou a descrição da competência textual do falante” (BENTES, 2010, p.3). E em um terceiro momento, a elaboração das teorias do texto, a partir das quais, "o texto passa a ser estudado dentro de seu contexto de produção e a ser compreendido não como um produto acabado, mas como um processo” (BENTES, 2010, p.3).

É importante ressaltar que esses momentos da LT não foram subdivididos em ordem cronológica, mas sim em ordem tipológica, pois a teoria foi seguindo um desenvolvimento e ampliação de acordo com a necessidade do estudo. Como afirmam Fávero e Koch (2012), “[...] não se trata de uma distinção de ordem cronológica, e sim tipológica, por não haver, entre eles, uma sucessão temporal, constituindo-se cada um deles em um tipo diferente de desenvolvimento teórico. (FÁVERO, KOCH, 2012, p.17)

Segundo Bentes (2001), a LT procurava estudar os fenômenos do texto que as gramáticas da frase não conseguiam explicar. No primeiro momento, análise transfrástica, o interesse do estudo estava voltado para o texto como conexão entre frases, tendo como preocupação a descrição da estrutura e dos principais fatores de ligação entre sentenças. Nessa fase, o texto era concebido como um conjunto de frases complexas formado por uma conexão de duas ou mais sentenças, ou seja, o texto era considerado como produto pronto e acabado. Acerca disso, Bentes destaca que “na análise transfrástica, parte-se da frase para o texto. Exatamente por estarem preocupados com as relações que se estabelecem entre as frases e os períodos, de forma que construa uma unidade de sentido” (BENTES, 2001, p. 3).

Os principais fenômenos apontados nessa fase, segundo Koch, foram:

[...] a correferência, a pronominalização, a seleção do artigo (definido/indefinido), a ordem das palavras, a relação tema/tópico – rema/ comentário, a concordância dos tempos verbais, as relações entre

enunciados não ligados por conectores explícitos, diversos fenômenos de ordem prosódica, entre outros. (KOCH, 2009, p. 3)

Segundo a autora, o estudo desses fenômenos seguia direções heterogêneas, abarcando tendências “ora estruturalista, gerativista, ora funcionalista”. Desta forma, os estudos no tratamento do texto investigavam as relações de coesão do enunciado, enfatizando as relações referenciais, principalmente a correferência, “considerada um dos principais fatores da coesão textual”.

É importante destacar, nessa primeira fase, os principais conceitos de texto da LT. Bentes (2001) destaca o conceito de Harweg (1968), afirmando que um texto era “uma sequência pronominal ininterrupta” e que uma de suas principais características era o fenômeno do múltiplo referenciamento. Um outro conceito de texto importante era o de Isenberg (1970), para quem o texto era definido como uma “sequência coerente de enunciados”. (BENTES, 2001, p. 3)

Sobre esse primeiro conceito, o de Harweg (estruturalista), Fávero e Koch (2012), afirmam que, nesta linha, a coesão pronominal, para Harweg é considerada o que constitui “um texto em texto”. Segundo as autoras, o pronome é classificado como toda expressão linguística que retoma outra expressão linguística correferencial, assim, o texto é definido “como uma sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma concatenação pronominal ininterrupta” (FÁVERO, KOCH, 2012, p. 18).

Quanto ao segundo conceito, o de Isenberg (gerativista), Fávero e Koch (2012), afirmam que o intuito do estudo é o de analisar os tipos de “relação que se podem estabelecer entre os diversos enunciados que compõem uma sequência significativa”. Uma dessas relações é correferência anafórica (processo que consiste em repetir um elemento mencionado no enunciado anterior) ou catafórica (processo em que um termo se refere a outro que vem à frente).

Nessa perspectiva, o primeiro momento da LT, o estudo dos “mecanismos interfrásticos que são parte do sistema gramatical da língua, cujo uso garantiria a duas ou mais sequências o estatuto de texto” (KOCH, 2009, p.3). O texto era visto como uma simples sequência de enunciados, como um produto pronto e acabado, sem levar em consideração outros processos de construção. Entretanto, o estudo desses fenômenos

interfrásticos desenvolvidos foi de grande importância, pois atentou-se para a compreensão do texto como unidade máxima de análise.

Embora a primeira fase não tenha alcançado um tratamento autônomo do texto, como afirma Fávero e Koch (2012), é preciso reconhecer que esse momento superou o limite da frase ao nível sintático-semântico das gramáticas, preparando, de certa forma, o terreno para o próximo momento, a gramática de texto.

De acordo com Bentes (2010), tendo observado o fato de que nem todo texto apresentava a co-referenciação como fator constituinte, passou-se, então, a construção de outra linha de pesquisa, a das gramáticas textuais.

Nesse segundo momento, a construção das gramáticas textuais, tinha-se em vista a “reconstrução do texto como um sistema uniforme, estável e abstrato” (BENTES, 2010, p.5). Agora o texto era concebido como segmento formalmente construído, estabelecendo um conjunto de regras finitas na construção textual dos falantes da língua. Tais regras poderiam permitir aos usuários a classificação se uma sequência de frases era bem formada, ou se era concebida como texto ou não.

É importante salientar que essa segunda fase da linguística textual recebeu forte influência do gerativismo, principalmente por remeter à competência linguística¹ do falante, diferentemente da primeira fase que levava em conta somente o texto como produto pronto e acabado. Segundo Bentes (2010, p. 5), foram vários os autores que propuseram a elaboração de gramáticas textuais, tais como Lang (1971, 1972), Dressler (1972, 1977), Dijk (1972, 1973) e Petofi (1972, 1973, 1976).

Alguns postulados em comum entre os autores citados acima, como afirma Bentes, consideravam que:

não há uma continuidade entre frase e texto porque há, entre eles, uma diferença de ordem qualitativa e não quantitativa [...] além disso, consideram que o texto é a unidade linguisticamente mais elevada, a partir da qual seria possível chegar, por meio de segmentação, a unidades menores a serem classificadas. [...] por último, considera que todo falante nativo possui um conhecimento acerca do que seja um texto, conhecimento este que não é redutível a uma análise frasal, já que o falante conhece não só as regras subjacentes às relações interfrásticas (a utilização de pronomes, tempos verbais, das estratégias de definitivização etc.) [...] um falante nativo também

¹ Para Koch (2013), a competência textual se refere à capacidade que o indivíduo possui em parafrasear um texto, resumi-lo, atribuir-lhe sentidos ou dar-lhe um título, entre outras habilidades, isto é, em distinguir um texto de um aglomerado incoerente de palavras, sons e imagens. Por outro lado, Chomsky define competência linguística como a capacidade inata que o indivíduo tem de produzir, compreender e de reconhecer a estrutura de todas as frases de sua língua.

é capaz de resumir e/ou parafrasear um texto, perceber se ele está completo ou incompleto. (BENTES, 2010, p.6)

Com relação a esses pontos, pode-se constatar que o texto passa a produzir-se a partir de uma série de regras em que os usuários internalizam e o produzem por meio de um processo, constituindo, assim, sua competência textual. Para isso, Charolles 1989 (apud, BENTES, 2010, p. 6), constata que todo falante possui três capacidades textuais básicas, a saber:

a) capacidade formativa, que lhe permite produzir e compreender um número potencialmente elevado e ilimitado de textos inéditos e que também lhe possibilita a avaliação, com convergência, da boa ou má-formação de um texto dado; b) capacidade transformativa, que o torna capaz de reformular, parafrasear e resumir um texto dado, bem como avaliar [...]; c) capacidade qualificativa, que lhe confere a possibilidade de tipificar, com convergência, um texto dado [...]. (BENTES, 2010, p.6)

Segundo Koch (2009), uma vez que todos os falantes possuem essas habilidades – denominada competência textual – o principal objetivo das gramáticas textuais era o de verificar o que fazia um texto ser texto, determinando os mecanismos de construção, os fatores determinantes pela sua coerência, os meios em que manifesta a textualidade, levantando critérios para a delimitação do texto e diferenciando as múltiplas espécies de textos. Assim, o texto era definido como uma estrutura em que tudo estava interligado, ou seja, o texto era visto como uma sequência linear de lexemas e morfemas.

Entre os diversos modelos de gramáticas textuais a que possui maior destaque, de acordo com Fávero e Koch (2012), é o modelo de Petöfi. Nesse modelo, o autor propõe uma gramática de base textual não-linear, que consiste em levar em consideração as manifestações do texto, isto é, a parte transformacional das sequências do enunciado. Nesse sentido, o autor postula que com este modelo se torna possível a "análise de textos, síntese de textos e a comparação de textos". Assim, para Petöfi (1973 apud KOCH, 2009, p. 7), a gramática textual integra apenas um dos componentes de sua teoria do texto, já que ele projetava uma teoria que levasse em consideração a semântica – como subcomponente responsável pela interpretação – e a pragmática – como subcomponente relativo aos itens de produção e recepção de textos.

Nesta perspectiva, o segundo momento da LT propiciou importantes descobertas sobre aspectos voltados ao texto, tendo como principal projeto a elaboração da gramática

textual. Entretanto, não tardou muito para que os estudiosos se debruçassem sobre outros aspectos relativos ao texto enquanto fenômeno comunicativo, indo além da abordagem sintático-semântico. Nesse momento, já não se tratava o texto como produto pronto e acabado ou como um sistema de regras, mas sim como um produto em constante construção, tendo em vista, sobretudo, o estudo do texto dentro do seu contexto e da interação entre escritor, leitor e ouvinte como lugar de construção de significados.

De acordo com Koch (2009), foi na metade da década de 70 que passaram a ser desenvolvidas as teorias de texto. Nessa virada, os pragmaticistas propuseram-se a investigar o texto no seu contexto pragmático tendo como ponto principal o ato de comunicação, ou seja, é levada em consideração a capacidade do falante empregar adequadamente a linguagem nas várias situações de comunicação social.

Segundo Bentes (2010, p. 7), Beaugrande e Dressler (1981) já tratavam nesse período da noção de textualidade, apresentando sete critérios – "coesividade, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade" – responsáveis pela textualidade, ou seja, propriedade de um texto se tornar um texto. Dessa forma, o texto era concebido como evento comunicativo formado por diversos princípios, construindo-se por meio do contexto em que se realiza a comunicação, abordando vários os tipos de conhecimento, seja ele linguístico ou conhecimento de mundo.

Vê-se, assim, que a virada das teorias do texto revelou-se de suma importância para o estudo da LT, contribuindo, especialmente, para um estudo da língua nas práticas sociais. Nessa perspectiva, os três momentos explícitos anteriormente foram fundamentais para o desenvolvimento da LT, concedendo oportunidade para novos leques no estudo do tratamento do texto.

Ainda na linha das teorias do texto, década de 80, de acordo com Koch (2009), começou a projetar-se uma nova perspectiva nos estudos do texto, a virada cognitivista e a perspectiva sociocognitivo-interacionista, "a partir da tomada de consciência de que todo fazer (ação) é necessariamente acompanhado de processos de ordem cognitiva, de que quem age precisa dispor de modelos mentais de operações e tipos de operações" (HEINE, 2009, p. 21).

Na virada cognitivista, o texto passa a ser considerado, de acordo com Koch (2009), como:

[...] resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso. (KOCH, 2009, p. 21)

Nesse sentido, o texto é composto por múltiplas ações cognitivas interligadas entre si, na qual a construção textual não depende somente de características sintáticas ou semânticas, mas também das características do usuário da língua, como seu conhecimento de mundo, objetivos, crenças, atitudes e cultura. Isso permite, segundo Koch (2009), que o usuário possa não somente entender o sentido atribuído pelo produtor do texto, mas também reconstruir outros sentidos.

Baseando-se em Heinemann e Viehweger (1991), Koch (2009, p. 22-23) afirma que para o processamento textual postulam-se quatro grandes sistemas de conhecimento: o linguístico (conhecimento gramatical e lexical), o enciclopédico (compreende as informações armazenadas na memória de cada indivíduo), o sociointeracional (conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de interação através da linguagem) e o conhecimento ligado aos modelos textuais globais (que possibilita reconhecer textos enquanto gênero ou tipo textual).

Logo após a virada cognitivista, a LT adentra em uma nova visão, a da perspectiva sociocognitivo-interacionista, no qual a linguagem é apontada como uma ação compartilhada que interage com o outro e com o meio. Nesse sentido, de acordo com Koch (2009), o texto passa a ser considerado o próprio lugar de interação e os usuários, sujeitos ativos que, dialogicamente, nele se constroem e por ele são construídos.

Segundo Heine (2018), a perspectiva sociocognitivo-interacionista da LT propiciou reflexões relevantes acerca da concepção de texto, entretanto, deixou de considerar elementos constituintes do texto, como: o processo histórico-ideológica e os signos semióticos, abrindo lacunas para um novo caminho de estudo.

Apesar de a autora também concordar com a conceituação do texto como processo e não como produto pronto e acabado, é sugerido um novo conceito de texto, "considerado como evento dialógico, semiótico, falado, escrito, ou seja, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no meio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc.)" (HEINE, 2018, p. 18). Priorizou-se, assim, na construção do texto, a relação de interação do sujeito com o meio, com o outro, com o processo histórico-dialógico e com as diversas semioses para atribuir sentido ao texto.

Dessa maneira, o sujeito dialógico bakhtiniano se constrói na inter-relação com o outro, deixando a posição unilateral para se construir a partir do outro.

Tendo em vista a concepção dialógica do sujeito na construção textual, manifesta-se, assim, a necessidade de reconsiderar os critérios de textualidade proposto por Beaugrande e Dressler (1981), explícitos anteriormente na virada pragmática. Baseando-se na perspectiva bakhtiniana, Heine em 2014 sugere uma reestruturação nos princípios de textualidade, passando a substituir o critério de aceitabilidade pelo critério de responsividade. Assim, os princípios são: o de coesão, coerência, intencionalidade, responsividade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade.

A substituição proposta por Heine (2014), leva em consideração os pressupostos de Bakhtin sobre a teoria da passividade, uma vez que o critério da aceitabilidade aponta o interlocutor como sujeito passivo frente a manifestação da língua apresentada a ele. É justamente essa teoria da passividade do sujeito que Bakhtin não aceita, já que, segundo ele:

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente) complementa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante [...]. Toda compressão da fala viva, do enunciado vivo é natureza ativamente responsiva ativa[...]. (BAKHTIN 2003, p. 271).

Dessa forma, abarcando os fundamentos bakhtinianos, Heine propõe essa nova concepção do critério da responsividade, visto que, o sujeito interage com o texto, com o meio, com o outro e discorda ou concorda com o produtor, deixando assim de ser passivo.

Nessa perspectiva, de acordo com as considerações expostas, Heine (2012) sugere uma nova fase para a LT, a fase bakhtiniana, com enfoque no sujeito que se constitui a partir da inter-relação com o outro, tendo uma consciência social. Assim, o texto passa a ser concebido como evento dialógico, considerando os fenômenos da semiótica e da camada histórico-ideológico, até então desconsiderados pela LT, como componentes constituintes do texto.

Nesse direcionamento, a concepção de texto a ser adotada nesse trabalho é a que considera o texto como “atividade interativa de produção de sentidos” (KOCH, 2018), no qual o texto se realiza a partir de diversos tipos de conhecimentos, de elementos

linguísticos, na sua forma de organização e informações contextuais.

Em comum acordo com essa direção, insere-se esse trabalho na perspectiva sociocognitivo-interacionista, no qual a linguagem é apontada como uma ação compartilhada que interage com o outro e com o meio. Nesse sentido, de acordo com Koch (2009), o texto passa a ser considerado o próprio lugar de interação e os usuários, sujeitos ativos que, dialogicamente, nele se constroem e por ele são construídos.

A partir do explícito, observando o texto em sua estruturação composicional podemos analisá-lo a partir de outras unidades: a menor unidade de informação seria a oração, unidades intermédias seriam o período e o parágrafo e, uma unidade maior seria a sequência (no sentido de ADAM, 1992). As sequências textuais, objeto central desse trabalho, podem delimitar-se atendendo a critérios pragmáticos, alteração da função comunicativa (narrar, descrever, expor, argumentar e entre outros), podendo ser delimitada em tipos. A noção de sequência se torna importante, pois permite perceber a heterogeneidade inerente ao próprio texto, uma vez que não há textos apenas descritivos ou narrativos ou explicativos – há sempre combinação de sequências, por exemplo, no texto narrativo alternam sequências narrativas, com sequências descritivas e dialogais –.

A partir das considerações apresentadas sobre a construção da Linguística Textual, será abordado no capítulo a seguir uma discussão sobre os Gêneros Discursivos, tendo em vista suas principais características. É apresentado também a definição de gênero textual e a diferença entre gênero e sequências textuais.

3 AS NOÇÕES DE DOMÍNIO, GÊNERO E TIPOLOGIA TEXTUAL

Neste capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam a teoria sobre os Gêneros e as tipologias. Para tanto, partem-se dos fundamentos de Bakhtin (2003), Koch (2013) e Marcuschi (2008) sobre gêneros textuais-discursivos e domínio discursivo. Em seguida, busca-se refletir sobre o fenômeno da intergenericidade, tendo como embasamento as considerações de Koch (2013), Marcuschi (2013). Logo depois, realiza-se uma breve exposição sobre os Gêneros digitais na esfera jornalística, partindo das considerações de Lé (2012). Por fim, apresenta-se um breve panorama sobre a diferença entre gêneros e tipologias textuais.

3.1 GÊNEROS TEXTUAIS-DISCURSIVOS E A NOÇÃO DE DOMÍNIO DISCURSIVO

O estudo sobre os gêneros, como observa Marcuschi (2008, p.147), "não é novo, mas está na moda". Não é contemporâneo por que inicia-se na antiguidade clássica com Platão e Aristóteles, entretanto, ganha novas perspectivas a partir dos estudos linguísticos realizados na segunda metade do século XX. São várias as propostas de estudo sobre os gêneros segundo Marcuschi (2008), no entanto, os pressupostos apresentados aqui terão como base a perspectiva sócio-histórica e dialógica de Bakhtin (1997).

Em todas as esferas da atividade humana, o indivíduo necessita interagir uns com os outros, por mais variados que sejam os propósitos, estão geralmente associados ao uso da língua. Conforme a perspectiva bakhtiniana, a utilização da língua se realiza em forma de enunciados orais ou escritos. Esses enunciados formam, por sua vez, o que Bakhtin denomina como gêneros do discurso. Sobre essa atividade comunicativa e, por conseguinte, a constituição dos gêneros, o autor afirma que "Para falar, utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos)." (BAKHTIN, 1997, p. 301).

Sendo assim, Bakhtin considera três elementos indissolúveis na estruturação do enunciado –pôr conteúdo temático, estilo e construção composicional – que são

determinados pelos aspectos de cada situação de comunicação. O conteúdo temático refere-se ao tema ou temas que se constroem no enunciado. O estilo são as escolhas linguísticas para formação do enunciado, podem ser: a escolha da linguagem formal, informal, pautada na seleção de vocabulário, estruturação sintática, dentre outros fatores. E a construção composicional está relacionado a organização linguístico-formal do gênero, a coerência e coesão do enunciado ou gênero.

Esses aspectos são essenciais na construção dos tipos de enunciados, pois são eles, também, que vão diferenciar um gênero do outro, todavia, o aspecto mais importante para definição de um gênero, além desses elementos que o compõem, é a função que ele exerce, isto é, o seu propósito comunicativo.

Vale ressaltar ainda a definição de gênero apontada por Bakhtin: "cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso" (BAKHTIN, 1997, p.279). Nesse sentido, os gêneros podem se caracterizar como atividades discursivas sociais, podendo sofrer modificações de acordo com as necessidades sociocomunicativa dos sujeitos, tal como ocorre com a chegada de novas tecnologias como a internet, a televisão e o rádio. Assim, de acordo com Koch "os gêneros existem em extensa quantidade, e enquanto práticas sociocomunicativas, os gêneros são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros" (KOCH, 2013, p. 111).

Outro aspecto essencial da abordagem bakhtiniana é a distinção que ele estabelece entre o gênero do discurso primário e o gênero do discurso secundário. Os gêneros primários são aqueles "simples", presentes no cotidiano das pessoas, que vão desde uma declaração de amor a um pedido de informação. Segundo o referido autor, os gêneros primários se constituem em circunstâncias espontâneas de comunicação verbal.

Já os gêneros secundários são aqueles "complexos", que "aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica." (BAKHTIN, 1997, p. 281). Ou seja, são gêneros que exigem práticas mais elaboradas e organizadas como o discurso científico, o teatro, o romance, um discurso jurídico e entre outros.

Segundo Bakhtin (1997), durante o processo de formação de gêneros secundários, os gêneros primários podem se tornar componentes integrantes do secundário. Assim, ao

fazerem parte desta composição, os gêneros primários se transformam e perdem sua relação com a realidade existente.

Para exemplificar tal processo, o autor menciona que "inseridos no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta" perdem a característica do gênero primário, passando, no todo, a compor o gênero secundário. Vê-se, desse modo "a distinção entre os gêneros primários e secundários tem grande relevância teórica, sendo esta o motivo pelo qual o enunciado deve ser explicado e definido por uma análise de ambos os gêneros." (BAKHTIN, 1997, p. 281- 282).

Dado que os gêneros se constituem em esferas comunicativas sociais, é válido ressaltar a importância quanto ao domínio discursivo no qual eles se concretizam. sobre isso Marcuschi afirma que:

Domínio discursivo constitui muito mais uma esfera da atividade humana no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.). Não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relação de poder. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Marcuschi (2008) se refere ao que Bakhtin chama de esfera da atividade humana, que são as instâncias em que os gêneros são produzidos e utilizados. Por exemplo: quando falamos, o discurso jurídico, o discurso jornalístico e o discurso religioso, estamos falando de domínio discursivo, e a partir disso é que o jornalismo produz determinados gêneros como a notícia, o editorial, a enquete, o blog, a charge e entre outros.

Os domínios não abrangem um gênero em particular, eles dão origem a diferentes gêneros, já que os mesmos são marcados institucionalmente. Portanto, os domínios são práticas sociais nas quais podem ser encontrados diferentes gêneros.

Sendo assim, de acordo com Marcuschi (2008), não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua esfera e realidade social com as atividades humanas, já que nelas se constitui.

3.2 GÊNEROS TEXTUAIS E O FENÔMENO DA INTERGENERICIDADE

A partir das ideias de Bakthin (1997, p. 279), que relaciona “todas as esferas da atividade humana [...] à utilização da língua” e considera que cada uma dessas esferas “comporta um repertório de gêneros do discurso”, desenvolveu-se a ideia de que os gêneros existem para cumprirem determinadas funções comunicativas. Surge a partir daí, e em razão das diferentes funções sociais, um conjunto infinito e heterogêneo de gêneros para atender as mais diferentes intenções dos falantes e aos fatos sociais e situações de uso da linguagem.

A esse respeito, Marcuschi afirma que:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem [...] (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

A partir dessa visão, é possível destacar que os gêneros textuais não superestruturas estáticas e rígidas, mas sim, são entidades dinâmicas, de complexidade variável, podendo constituir-se de variadas formas de acordo com as necessidades de comunicação social.

No gênero, o que vai diferenciar um do outro muito mais do que a estrutura é a função dele, por exemplo, a carta pessoal se diferencia do ofício pelo seu uso, a carta pessoal é para tratar de questões pessoais, e o ofício é para tratar de questões oficiais de um órgão público ou privado. Às vezes os gêneros têm características próximas, iguais ou semelhantes, mas a estrutura não é o mais relevante, é o funcionamento, o uso.

Segundo Kress (2003 apud Marcuschi, 2011, p. 25), a mobilidade dos gêneros permite dizer que caminha-se para uma "hibridização ou mesclagem de gêneros", isso por que está cada vez mais frequente a inserção de um gênero em outro, ou até mesmo a junção de gênero em outro.

Para tal aspecto, é denominado o fenômeno da *intergenericidade* ou hibridização, que, como afirma Koch: "é o fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma

de um outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação. Não raro pode ser verificado em anúncios, tirinhas e até mesmo em artigos de opinião". (KOCH, 2013, p. 114)

A seguir, nota-se um exemplo da intergenericidade de um gênero presente na letra da música *Os anjos*, composta por Renato Russo.

[...] Hoje não dá, hoje não dá
 Não sei mais o que dizer e nem o que pensar
 Hoje não dá, hoje não dá
 A maldade humana agora não tem nome, hoje não dá
Pegue duas medidas de estupidez
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma untada previamente
Com promessas não cumpridas
Adicione a seguir o ódio e a inveja
As dez colheres cheias de burrice
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça antes de levar ao forno
Temperar com essência de espírito de porco
Duas xícaras de indiferença
E um tablete e meio de preguiça [...]

Pode-se notar, nos trechos em itálico, a junção de dois gêneros: o gênero música e o gênero receita. Embora o trecho em itálico tenha as características de uma receita, não é, porque o leitor/ouvinte não levará a sério, a ponto de efetivamente realizá-la. Isto é, o texto em itálico tem a forma de receita, mas não a função de receita. Nesse sentido, o gênero receita está a serviço do gênero música, embora este esteja com sua função preservada, que é propiciar ao leitor uma reflexão sobre determinado assunto utilizando melodias e instrumentos musicais.

Em suma, é válido ressaltar que os gêneros perpassam por interferência social, histórica e institucional frequentemente, pois a sociedade, de acordo com o seu

desenvolvimento, vai criando ou estabelecendo determinadas funcionalidades aos gêneros, e em razão disso, os indivíduos vão se adequando às situações em que os gêneros são usados.

3.3 OS GÊNEROS DIGITAIS NA ESFERA JORNALÍSTICA

De acordo com Crystal (2005), o advento da internet propiciou uma nova era, a da *sociedade da informação*, cuja comunicação é mediada por computadores que fornecem serviços que possibilitam o contato das pessoas por todo o mundo. Essa nova era, sinalizada pelo surgimento de novas formas mediáticas, sobretudo pela internet, tem ocasionado largas mudanças em todos os ângulos direta ou indiretamente relativos a elas, como a leitura e escrita.

Visto que os gêneros se desenvolvem de forma dinâmica, surgindo das manifestações sociais de uma determinada época, eles têm sofrido uma grande transformação devido ao surgimento do ambiente virtual, já que, ao se reiterarem em determinado espaço, fazem surgir/ transmutar um novo gênero. Esses novos gêneros por sua vez, aparecem através das novas necessidades sociocomunicativas exigida pela mídia eletrônica.

Segundo Marcuschi (2009, p. 22) “a internet transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros”. Nesse sentido, esses novos gêneros, muitas vezes, não são inovações independentes, mas criados mediante outros gêneros já existentes, de acordo com as necessidades de comunicação e as novas formas de tecnologias, principalmente a Internet. Tem-se, por exemplo, os chats, que surgiram como forma de conversação por meio eletrônico. Isso demonstra o quanto os gêneros são dinâmicos e a sua enorme facilidade de ambientação.

Diante disso, Marcuschi (2009) afirma que há diversos gêneros emergentes nos ambientes virtuais, entre os mais conhecidos e estudados estão: e-mail, chat ou sala de bate papo, videoconferência interativa, listas de discussão, blogs (Weblogs) e redes sociais ou sites de relacionamento².

Sobre isso, o referido autor considera que “os gêneros textuais surgem, situam-se

² É importante destacar que a lista apresentada pelo autor já se encontra desatualizada, pois vários outros gêneros surgiram desde então.

e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais.” (MARCUSCHI, 2007, p. 20)

Sendo assim, o ambiente digital propiciou e ainda propicia diversas formas de interação, de veiculação de notícias e de entretenimento. Na esfera jornalística, sobretudo nas páginas dos jornais digitais, as formas de interação ganham destaque, principalmente pela rapidez e fluidez das notícias, participação do leitor em comentários, veículos interativos, facilidade de escolha de conteúdos preferidos e facilidade de acesso, com apenas um click pode-se acessar diversas notícias em tempo real.

Segundo Lé (2012, p. 88), os elementos do conteúdo on-line dos jornais digitais vão muito além do que é apresentado no jornal impresso, envolvendo, além de textos, fotos e gráficos, sequências de vídeo, áudio e ilustrações animadas. Para a autora, todos esses recursos terminam por definir novas práticas comunicativas de escrita jornalística na web, influenciando no surgimento de gêneros relacionados a determinadas funções e a variadas formas de apresentação do conteúdo.

Nesse sentido, Bonini (2011) afirma que o jornal é denominado de hipergênero, uma vez que é um gênero constituído por vários outros, ou seja, "entendo por hipergênero os suportes de gêneros que são, ao mesmo tempo, gêneros que se compõem a partir de outros gêneros, como é o caso dos jornais [...]" (BONINI, 2003, p. 210). Partindo dessa característica e atendendo à descrição dos gêneros textuais-discursivos que são objeto desta pesquisa, algumas das práticas comunicativas associadas ao suporte³ jornal digital serão focalizadas nesta seção, são eles: o tweet, blog, plantão de notícias e enquete, sendo definidas como gêneros digitais.

3.3.1 Tweet

O tweet, segundo Lé (2012), foi criado em março de 2006, caracterizando-se como serviço de comunicação virtual que permite aos usuários enviar e receber atualizações de outros contatos em textos de até 140 caracteres⁴. Segundo a autora, no Brasil, o gênero

³ De acordo com Marcuschi (2008, p. 174), suporte de um gênero é um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto.

⁴ Em 2017 ocorreu a mudança de 140 para 280 caracteres, além disso, foi disponibilizado a opção comentários.

ganhou maior destaque na mídia a partir de 2009, momento em que os meios de comunicação e os jornais, além dos famosos e celebridades, passaram a utilizar o tweet como espaço também de veiculação da informação.

Tendo como pressuposto as considerações de Lé (2012), o tweet apresenta, em termos estruturais e discursivos, analisado enquanto gênero textual, aspectos relevantes na sua constituição e distinção com os demais gêneros digitais do jornal eletrônico. Sendo assim, de acordo com Lé (2012), seis aspectos hipertextuais parecem particularmente definir o tweet enquanto gênero:

[...] (a) limite de 140 caracteres; (b) uso de RT's (*retweets*); (c) mensagem aos interlocutores por meio de link no formato @___; (d) criação de etiquetas (*hashtags*) por meio de link no formato #___; (e) atualização da página home (*tweets*). (f) envio de *direct messages* (DMs), que têm acesso limitado ao usuário da conta. (LÉ, 2012, p. 91)

No exemplo a seguir, retirado da página do tweet do jornal *O Globo*, no dia 17/01/18, podem ser visualizados alguns aspectos mencionados anteriormente. No caso do exemplo (1), até o momento da coleta não havia comentários relacionados ao tweet.

Figura (1)



Fonte: Tweet do Jornal *O Globo*, retirado no dia 21/12/2017

Em (1), percebe-se, no topo da página a imagem identificando a conta do usuário, no caso analisado, a imagem do jornal *O Globo*, em seguida apresenta-se o texto, com aproximadamente 150 caracteres, de forma clara e objetiva. Nesse mesmo espaço é disponível também para o leitor o link de acesso do conteúdo completo. No fim da página, tem-se as opções de *retweets* – compartilhar rapidamente o tweet –, a de comentar e a de curtir.

3.3.2 Blog

De acordo com Lé (2012), um blog corresponde a páginas da internet onde são publicados diversos conteúdos, como textos, imagens, músicas, vídeos, quadrinhos, tirinhas, além disso, o leitor pode interagir com comentários. O blog possui uma estrutura que permite a atualização rápida a partir de acréscimos dos chamados artigos ou *posts*. Estes são, em geral, organizados de forma cronológica, tendo como foco a temática proposta no *blog*, podendo ser escritos por um número variável de pessoas, de acordo com a política do *blog*.

O *blog*, segundo Lé (2012, p. 100), de um modo geral, corresponde a um gênero que, no contexto histórico-discursivo, somente a partir da segunda metade década de noventa, adquiriu status de “enunciado relativamente estável”. Houve, no entanto, antes mesmo de seu reconhecimento enquanto gênero digital independente, uma série de situações comunicativas ligadas à escrita na internet que estimularam o surgimento e identificação dos primeiros blogs como *ciberdiários*, assim como, posteriormente, do subgênero *blog jornalístico*.

No caso dos blogs jornalísticos, a tendência observada é de sites assinados por colunistas, cada um deles sendo responsável por uma espécie de blog temático (política, economia, cinema etc.). Geralmente os *blogs jornalísticos* fornecem comentários ou notícias sobre um assunto em particular, de acordo com temas abordados na versão online do jornal. Um *blog* típico de jornal combina texto, imagens e *links* para outros *blogs*, páginas da Web e mídias relacionadas a seu tema. A capacidade de leitores deixarem comentários de forma a interagir com o autor e outros leitores é uma característica importante desse gênero, constituindo, assim, aspecto essencial da sua textualidade.

É importante ressaltar que, no que tange à sua natureza semiótica, embora os *blogs* sejam primariamente textuais (com escrita virtual), pelo fato de boa parte deles estar focada em temas exclusivos como arte, fotografia, vídeos, política, economia, música, eles terminam por formar uma ampla rede de mídias sociais e semioses, já que abarca não só o texto escrito, mas também imagens, links, charges, gráficos e vídeos.

No exemplo a seguir, tem-se um post do blog do colunista Leonardo Boff do jornal digital *Jornal do Brasil*, no dia 31/01/18.

Figura (2)

The image shows a screenshot of the Jornal do Brasil website. At the top, there is a navigation bar with categories like 'Capa', 'notícias', and a search bar. Below the navigation bar, the main title 'JORNAL DO BRASIL' is displayed in a large, bold font, with the date 'Quarta-feira, 31 de janeiro de 2018' and 'Fundado em 1891' underneath. A secondary navigation bar lists various sections: 'Capa', 'Colunistas', 'País', 'Rio', 'Economia', 'Internacional', 'Esportes', 'Ciência e Tecnologia', 'Cultura', 'Fotos e Vídeos', and 'JBlogs'. The main content area features a profile for 'Leonardo Boff' with a search bar and a 'buscar' button. Below this, the article title 'O intento de recolonizar o Brasil' is shown, along with the author's name 'Leonardo Boff' and the date '03/12/2017 às 00h57 - Atualizada em 04/12/2017 às 14h00'. The article text begins with 'A colonização, especialmente a escravidão, não constituem apenas etapas passadas da história. Suas consequências (Wirkungsgeschichte) perduram até os dias de hoje. A prova clara é a dominação e a marginalização das populações, um dia colonizadas e escravizadas, baseadas na dialética da superioridade-inferioridade, nas discriminações por causa da cor da pele, no desprezo e até no ódio do pobre, considerado preguiçoso e um zero econômico.' To the right of the text, there is a sidebar with a search bar and a 'buscar' button. Below the search bar, there is a section titled 'Pesquisas, estudos, análises e informações sobre o comércio de bens, serviços e turismo.' and a link '+ Lidas em Leonardo Boff'.

Fonte: Posts do blog de Leonardo Boff, retirado do Jornal do Brasil, no dia 31/01/2018

Na figura (2), percebe-se a estrutura da página referente ao blog do colunista Leonardo Boff, no qual ele apresenta um texto refletindo sobre a colonização no Brasil, afirmando que apesar da colonização ser fruto do passado, perdura até os dias de hoje. A discriminação racial e a inferioridade são exemplos dos feitos da colonização atual. Nesse sentido, percebe-se que no blog os textos apresentam mais informações, podendo conter figuras, gráficos ou somente o texto, caso do exemplo (17).

3.3.3 Plantão de notícias

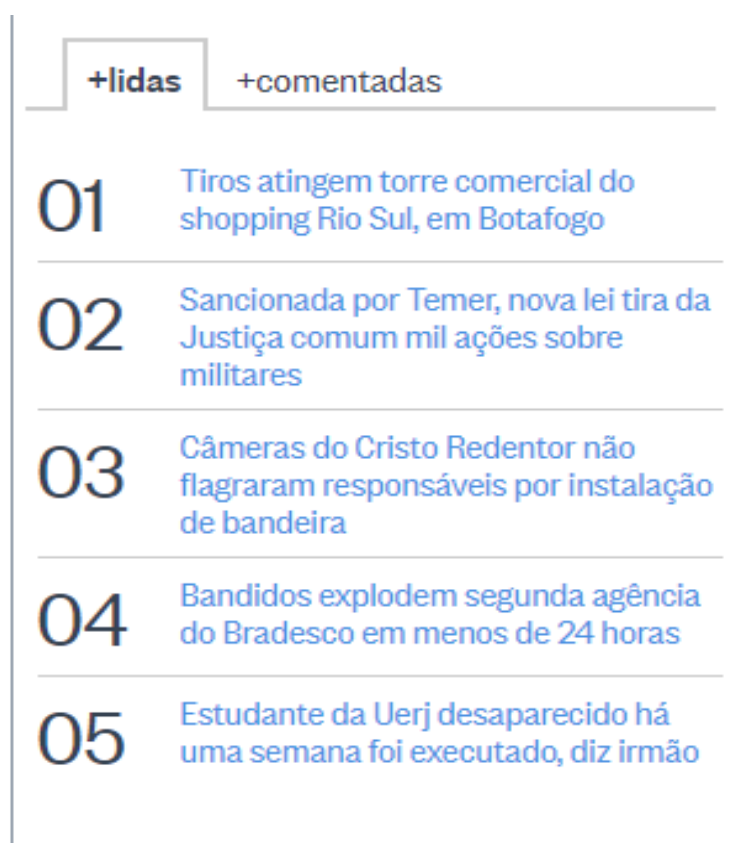
Para Lé (2012, p. 131), com o surgimento das edições eletrônicas do jornal, a

notícia passou a ser divulgada em tempo real nos portais jornalísticos, caracterizando e estabilizando uma nova prática comunicativa relacionada ao processamento da informação. O conteúdo veiculado pelo jornal passa a ser fornecido online, através de uma seção intitulada Plantão ou As últimas que você não leu, dependendo do jornal. Outro importante aspecto é que as notícias são publicadas em tópicos com apenas os títulos das notícias.

A referente autora destaca que, no jornal eletrônico o acesso ao plantão de notícias é feito de modo bastante prático, bastando clicar em um dos links apresentados no gênero plantão, que dá acesso ao bloco da notícia. É evidente a fluidez e velocidade da rede, já que as notícias são atualizadas a todo instante, a cada vez que a página do plantão é atualizada pelo leitor. (Lé, 2012, p. 131). Tem-se um exemplo de um plantão de notícias

Na figura (3), o plantão de notícias é composto pelas cinco notícias mais lidas do momento. Elas são enumeradas, apresentando apenas a informação central do conteúdo, o leitor, no entanto pode clicar na notícia e será direcionado ao conteúdo completo.

Figura (3) As mais lidas



The image shows a digital interface for a news plantão. At the top, there are two tabs: '+lidas' (selected) and '+comentadas'. Below the tabs is a list of five news items, each with a large number (01 to 05) and a blue headline. The items are separated by horizontal lines.

	+lidas	+comentadas
01	Tiros atingem torre comercial do shopping Rio Sul, em Botafogo	
02	Sancionada por Temer, nova lei tira da Justiça comum mil ações sobre militares	
03	Câmeras do Cristo Redentor não flagraram responsáveis por instalação de bandeira	
04	Bandidos explodem segunda agência do Bradesco em menos de 24 horas	
05	Estudante da Uerj desaparecido há uma semana foi executado, diz irmão	

Fonte: Retirado da página do Jornal *O Globo*

3.3.4 Enquetes

As enquetes, conforme destaca Lé (2012), são tipos de pesquisas que permitem ao jornal apontar a opinião do público sobre um tema escolhido, de forma bastante objetiva, por meio de perguntas e respostas expostas, e em seguida transpassadas em resultados quantitativos.

No exemplo a seguir, retirado do jornal digital *Jornal do Brasil*, no dia 06/11/19, percebe-se os aspectos do gênero enquete. A pergunta tende a ser clara e objetiva, disponibilizando de alternativas para o leitor optar pela resposta.

Na figura (4), tem-se o modelo do gênero enquete mais convencional, no qual é composto por uma pergunta em que o leitor responderá “sim” ou “não”.

Figura (4)

Enquete

VOCÊ ACHA QUE BOLSONARO ACERTOU AO BRIGAR COM SEU PARTIDO, O PSL?

Sim, a sigla está cheia de laranjas, e o presidente é honesto

Não, ele também está envolvido e sabe que o escândalo vai alcançá-lo

Não sou um robô

reCAPTCHA
Privacidade - Termos

Votar + Enquetes

Fonte: Página do Jornal do Brasil

3.4 DIFERENÇA ENTRE GÊNEROS E TIPOLOGIAS TEXTUAIS

Geralmente a expressão “tipo textual” muito utilizada no nosso dia a dia, pode ser erroneamente usada, pois essa denominação não determina as variedades dos gêneros, mas sim, o tipo da sequência textual utilizada em determinado gênero textual. Por exemplo, quando alguém diz que uma bula de remédio é um tipo de texto, estará empregando o termo “tipo de texto” de forma incorreta, ao passo que o termo “tipo” se refere ao modo como o texto está se apresentando de acordo com sua natureza linguística, neste caso, o gênero bula de remédio possui em sua composição a predominância da sequência descritiva. Enquanto isso, os gêneros são determinados muito mais pelas suas funções sociocomunicativas, do que suas funções linguísticas.

Marcuschi (2008), apresenta a concepção e distinção de tipo e gênero, e destaca que “[...] toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero” (Marcuschi, 2008, p. 154), em outras palavras, qualquer uso da língua que vise a comunicação verbal, só é possível por meio dos gêneros. O referido autor, ressalta que: “Tipo textual designa uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}” (MARCUSCHI, 2008, p.154), podendo ser enumerados em cinco categorias, de acordo com Adam (2009), em: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal.

Já o “Gênero textual se refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes” (MARCUSCHI, 2008, p. 155), ou seja, os gêneros são os textos que se encontra no dia a dia, e se apresentam sobre determinados elementos, no sentido bakhtiniano, de conteúdo, estilo e composição. São exemplos: cartas, receitas, bilhetes, piada, aulas virtuais, lista de compras, resenha, telefonema, edital de concurso, reportagem, blogs, enquetes, twitter, bulas de remédio, crônicas, artigo de opinião, bibliografia, poema e dentre outros. Os gêneros são infindáveis, e conforme Bakhtin (1997), não se concebem os gêneros propriamente pela forma, mas sim pelas esferas da atividade da comunicação humana e pelas situações de interação.

Dessa forma, um romance é um exemplo de gênero textual, assim como um telefonema, podendo os gêneros assumirem as formas textuais escritas ou orais. Enquanto o tipo textual é aquele que demonstra como o texto está sendo construído, se por uma sequência argumentativa (argumenta em função de algo) ou descritiva (descreve uma situação) e assim adiante.

Bonini (2005, p. 218) lembra, ainda, que a diferença fundamental entre as

sequências e os gêneros é a sua menor vulnerabilidade, ou seja, uma maior estabilização. Em função desse aspecto, as sequências podem ser enquadradas em um número bastante reduzido de composições (ou tipologias). Enquanto isso, os gêneros são dinâmicos, de complexidade variável, não podendo ser feita uma lista exata e fechada de sua classificação.

Outro aspecto relevante que Marcuschi destaca é que “para a noção de tipo textual, predomina a identificação de sequências linguísticas como norteadora; e para a noção de gênero textual, predominam os critérios de padrões comunicativos, ações, propósitos e inserção socio-histórica” (MARCUSCHI, 2008, p. 158).

Em suma, apesar das diferenças acima destacadas, é essencial compreender, conforme Marcuschi (2008, p. 156), que os gêneros não são opostos a tipos e que ambos não formam uma dicotomia e sim são complementares e integrados. Não existem isoladamente nem alheios uns aos outros, são formas constitutivas do texto que se completam em funcionamento da língua em situações comunicativas da vida diária.

A seguir, tendo em vista os pressupostos apresentados sobre os gêneros, e a diferença entre as sequências textuais, serão abordadas questões acerca das tipologias textuais segundo Adam e das tipologias no domínio jornalístico, que são consideradas relevantes ao embasamento teórico desta pesquisa.

4 AS TIPOLOGIAS TEXTUAIS

No presente capítulo, é realizada uma discussão sobre as tipologias textuais segundo Adam (1992, 2009), abordando as principais características de cada tipo. Em seguida, apresenta-se uma reflexão sobre as tipologias textuais no domínio jornalístico.

4.1 AS TIPOLOGIAS TEXTUAIS SEGUNDO JEAN-MICHEL ADAM

Os gêneros textuais se realizam a partir dos tipos textuais, os quais são considerados como fator essencial na estrutura composicional dos gêneros. Michel Adam, importante estudioso das tipologias textuais, apresenta a noção de sequência ou tipo textual e, conforme lembra Bonini (2005, p. 209), a ideia de uma sequência textual começa a ser definida em vários artigos publicados pelo autor no decorrer da década de 1980 (Adam, 1987), sendo aprofundada em seus trabalhos posteriores.

Adam, propôs uma teorização da organização dos textos baseada na noção de sequência textual. No que tange a definição de sequência, Adam (2009, p. 122) definiu a partir de dois pressupostos: (1) uma rede relacional hierárquica (grandeza decomponível em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem); (2) uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria e, portanto, em relação de dependência/independência com o conjunto mais amplo de que ela faz parte.

Assim, a sequência, unidade constituinte do texto, corresponde ao conjunto de macroproposições – desencadeando nos tipos de textos – organizadas hierarquicamente mediante características e exigências de determinado gênero. É o que ocorre, por exemplo, de acordo com Lé (2012, p. 99), no gênero textual artigo de opinião, que apresenta uma sequência argumentativa como tipo predominante e hierárquico, entretanto possui em sua composição textos de outras sequências tais como a descrição e a narração.

Nesse sentido, Adam atribuiu à noção de sequência a característica da heterogeneidade, ao passo que ela, ao mesmo tempo, é linguisticamente estável, ou seja, possui dados em sua composição definidas por aspectos lexicais, sintáticos, estilo, tempos verbais, entre outros. Diferentemente dos gêneros, que são infindáveis e incontáveis, as

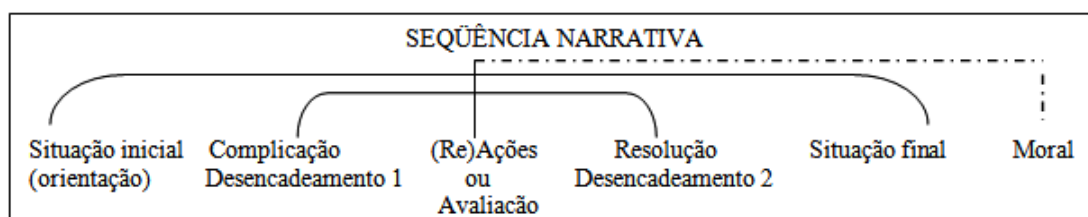
sequências possuem cerca de cinco categorias, de acordo com os pressupostos de Adam (2009), passo que a torna linguisticamente estável.

O referido autor classificou, inicialmente, as sequências textuais em sete tipos de composições: narrativa, descritiva, argumentativa, expositivo-explicativa, injuntivo-instrucional, dialogal-conversacional e poético-autotélica. Em estudo posterior, o autor as reduziu a cinco tipos: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. De acordo com Lé (2012, p. 59), Adam excluiu a injuntiva, por considerá-la parte da descrição, e a poética, por conceber o texto poético como resultado de ajustes de superfície na base do texto, mas não exatamente como uma estrutura hierárquica e ordenada de proposições. As outras cinco sequências, por sua vez, se manifestam heterogeneamente na multiplicidade dos gêneros textuais.

4.4.1 Sequência narrativa

Esta sequência é apresentada por Adam (2009, p.125) como tipo concentrado em desenvolvimentos cronológicos finalizados, tendo algumas características específicas, de acordo com Lé (2012), a saber: (a) a sucessão de eventos; (b) a unidade temática; (c) os predicados transformados; (d) o processo; (e) a intriga; (f) a moral.

Para o autor, tendo inspiração em Labov & Waletzky (1967), a sequência narrativa é constituída por um esquema de cinco fases/macroposições: situação inicial, complicação, (re)ação, situação final e moral, sendo componentes indispensáveis na sua composição.



Quadro 1: Esquema da sequência narrativa ADAM (1992, p. 57, apud Lé, 2012, p. 60).

O esquema apresentado no gráfico anterior, pode ser analisado, a partir de Lé (2012, p. 60), da seguinte forma: as *situações inicial e final* são macroposições que revelam ponto de equilíbrio na narrativa, sendo de caráter mais descritivo. As fases de *complicação, avaliação e resolução*, por sua vez, são as macroposições que

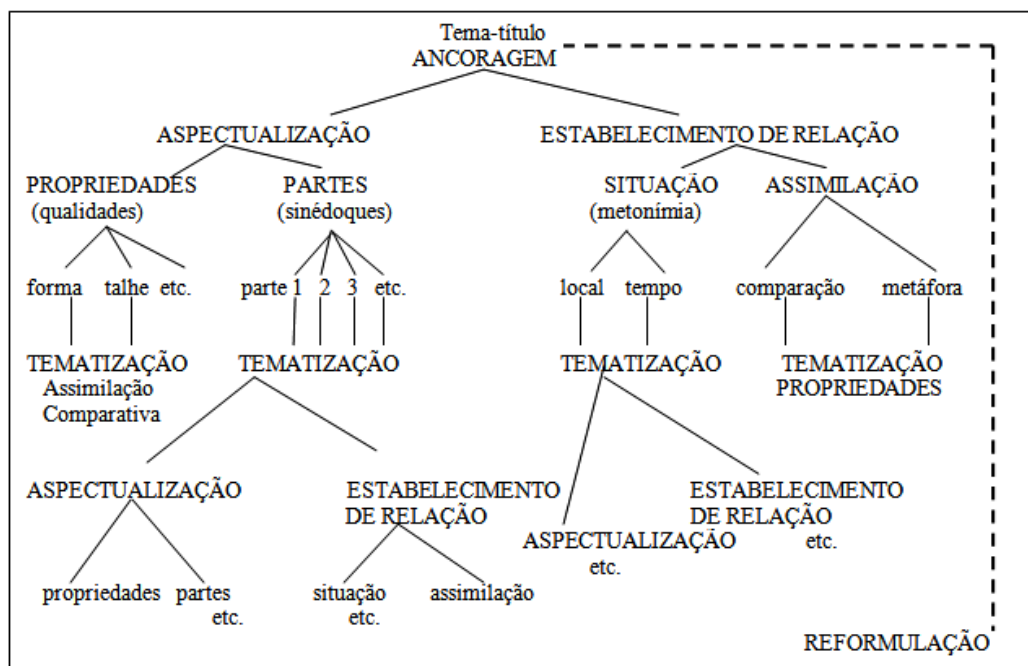
propriamente atribuem ao esquema narrativo a sua dinamicidade, revelando a quebra de uma ordem estabelecida e reconstrução de uma nova situação de equilíbrio. Por fim, a *moral* é uma reflexão complementar ao fato narrado que é comumente levantada pelo narrador. Às vezes ela não está presente (ou explícita) nos textos narrativos, mas, nesses casos, Adam frisa que, ainda assim, é em geral esperada pelo ouvinte da história, que manifesta a sua sensação de estranhamento por meio da clássica pergunta; “E daí?”. A seguir, tem-se um exemplo de texto narrativo, do gênero jornalístico blog.

(1) texto narrativo

o ministro Roberto Barroso Cassou sentença da juíza de direito Maria Mariele Queiroz da 3ª Vara de Família de Fortaleza, que durante plantão judiciário em 2014 proibira a revista Isto É de divulgar qualquer notícia sobre o então governador Cid Gomes (PROS) relacionada ao depoimento do ex-diretor da Petrobras Paulo Roberto Costa na operação lava jato. (“*Barroso cassa sentença que impôs censura prévia*”, por Frederico Vasconcelos, do jornal folha de São Paulo, 7 de maio de 2018)

4.4.2 Sequência descritiva

Nesta sequência, Adam determina três fases principais que não se organizam em uma ordem linear necessariamente, como ocorre na narração, entretanto se combinam e se encaixam em uma ordem hierárquica, apontando para um conjunto de propriedades a ela relacionadas. Assim, essa sequência comporta as fases de: (1) a fase de ancoragem, sendo responsável pela identificação de um tema-título, este sendo introduzido, frequentemente, no início da sequência, porém pode aparecer também no fim da sequência; (2) a fase de um conjunto de propriedades (aspectualização e estabelecimento de relação), em que os diversos aspectos do tema-título são enumerados; (3) a fase de reformulação (visão geral do tema), em que os elementos descritos são assimilados a outros, por meio de caráter comparativo ou metafórico. No esquema do quadro a seguir tem-se organizada essas fases e seus respectivos processos relacionais.



Quadro 2: Esquema típico da sequência descritiva (ADAM, 1992, p. 84 apud Lé, 2012, p. 61)

De acordo com Lé (2012, p. 60), as sequências descritivas são as que se revelam como o tipo textual menos autônomo, pois tende a aparecer como tipo complementar dentro de outras sequências. A autora afirma que na narração, por exemplo, muitas vezes o texto descritivo acompanha a parte referente à situação inicial, quando são introduzidos os personagens e o espaço do fato narrado. Nem por isso, contudo, a descrição deixa de assumir características próprias. No exemplo a seguir, a partir do gênero opinião do leitor, retirado de Lé (2012, p. 61), podem-se observar algumas características específicas da sequência descritiva abordadas anteriormente.

(2) texto descritivo

[...] Barradas, além de ser pessoa especialíssima, foi o estadista da saúde. Enxergava todos e todas. Foi o secretário que incluiu as mulheres encarceradas nos mutirões de mamografia e todos os presos na campanha de vacinação H1N1, a despeito da resistência para implementação do direito à saúde para a população encarcerada.

Tinha a compreensão de que saúde está no patamar de direito fundamental e é obrigação do Estado garantir atenção à assistência integral da saúde da população carcerária, sob o prisma de que é um bem que afeta a dignidade humana.

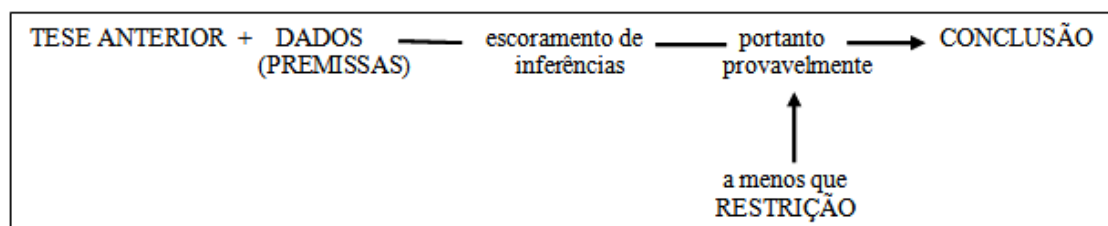
(Barradas, por Kenarik Boujikian Felipe, Folha de São Paulo, 21/07/10)

4.4.3 Sequência argumentativa

Segundo Lé (2012), o texto argumentativo se define pela sua função principal, que

é essencialmente convencer o outro no discurso, modificando a sua visão sobre determinada concepção ou objeto. Adam (2009), apresenta a sequência argumentativa como aquela que consiste na apresentação de um dado elemento explícito de sustentação (um argumento ou tese) e uma conclusão (um predicado), passando por um *topos* (um já dito). O referido autor destaca que se faz necessário também considerar a relação “dado-conclusão”, uma vez que determinado argumento visa ancorar ou refutar uma determinada conclusão já dita.

Dessa forma a sequência argumentativa implica, primeiramente, numa existência de uma tese a respeito de um dado tema. Sobre essa *tese anterior*, são propostos *dados/premissas* novas, que são objeto de um processo de *inferência* – nesse processo de inferência o movimento argumentativo pode ser apoiado por justificações ou suportes, assim como, ser moderado por *restrições* – que orienta para uma *conclusão* ou nova tese sobre determinado objeto. No quadro a seguir, tem-se ilustrado o esquema da sequência argumentativa proposto por Adam.



Quadro 3: Esquema típico da sequência argumentativa (ADAM, 1992, p.118 apud Lé, 2012, p. 62)

Assim, de acordo com Sousa e Rodrigues (2007, p. 153), essas fases podem ser explicitadas: (a) *tese anterior* é uma informação inicial fornecida pelo texto; (b) *dados* correspondem aos argumentos que sustentam a informação; (c) processo de *inferência* dão sustentação aos dados; (d) *restrição* corresponde aos argumentos que levam a uma conclusão, oposta à conclusão que se esperava a partir da utilização das regras de inferência; e por fim (e) *conclusão*, podendo ser denominada de nova tese. É a conclusão propriamente dita ou tese defendida pelo locutor.

O trecho do gênero artigo de opinião retirado de Lé (2012, p.62), apresentado abaixo exemplifica o texto argumentativo.

(3) texto argumentativo

[...] As ilusões propostas como verdades sólidas fazem muitos acreditarem que o casamento é um Oásis a ser usufruído. Ora, isso só ocorre se for construído e defendido dia a dia. No momento em que se pensa apenas em desfrutá-lo e, por vezes, à margem dos valores morais, envereda-se pelo caminho que leva à destruição do lar. A saúde espiritual e moral da família é um assunto fundamental para a sociedade civil e religiosa. Merece todo sacrifício em sua defesa e promoção. Não nos faltarão a graça de Deus e o amparo da Sagrada Família.
(*O complexo de Agar*, por D. Eugênio Sales, O Globo, 13/11/10)

4.4.4 Sequência explicativa

Nesta sequência, de acordo com Lé (2012, p. 63), Adam reúne numa mesma categoria a explicação e a exposição, concebendo esta última como parte da primeira. O autor afirma que apesar da sequência explicativa apresentar pontos semelhantes com a argumentação e descrição, ela se apresenta de modo distinto em sua função e composição. Na explicação, Adam (2009) considera que o objetivo desta sequência é responder as perguntas *Por que?* e *Como?*, mostrando quadros parciais de resolução da ideia.

Adam apresenta a sequência explicativa sustentada em três fases principais, podendo, de acordo com Lé (2012, p. 63), ser antecedidas por uma esquematização inicial, conforme o esquema abaixo.

0.	Macroproposição explicativa 0: Esquematização inicial
1. Por que X? (ou Como?)	Macroproposição explicativa 1: Problema (questão)
2. Porque	Macroproposição explicativa 2: Explicação (resposta)
3.	Macroproposição explicativa 3: Conclusão-avaliação

Quadro 4: Esquema típico da sequência explicativa (ADAM, 1992, p. 132 apud Lé, 2012, p. 63)

Esse esquema pode ser explicitado, segundo Lé (2012, p. 63) em: (1) a primeira fase corresponderia a uma apresentação do problema (questão), induzindo-se às perguntas *Por quê?* ou *Como?* O segundo momento, central nesse tipo de texto, seria destinado a fornecer propriamente uma explicação (resposta) do problema levantado. E, por fim, uma conclusão-avaliação do problema, que traduz uma tentativa de sumarização/constatação da resposta dada. Em (0) corresponde a uma esquematização inicial, fase que pode ocorrer ou não nesta sequência, que introduz um fenômeno não contestável, podendo ser um objeto, situação, acontecimento, ação e entre outras. O texto apresentado abaixo do gênero reportagem, retirado de Lé (2012, p. 63), exemplifica essa sequência

(4) texto explicativo-expositivo

O Twitter tornou-se a segunda fonte de informação da internet. Como 24 bilhões de buscas mensais, ele é maior do que o pioneiro Yahoo (9,4 bilhões) e do que aquela iniciativa da Microsoft que nunca pegou, o Bing (4,1 bilhões) – somados. O líder continua a ser o Google, com mais de três vezes esse volume, levando em conta subsidiários como o YouTube. O crescimento de Twitter mostra uma característica interessante da dinâmica de redes: a distribuição de seus competidores em uma lei de potência, em que o primeiro lugar é bem maior do que o segundo e este, do que terceiro, uma curva descendente que adoram chamar de “cauda longa”. [...]

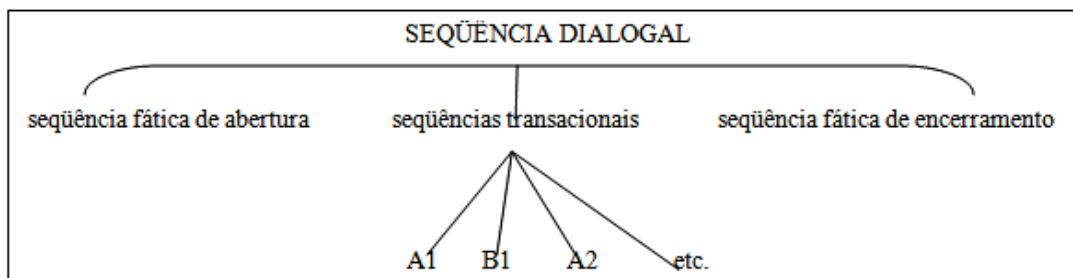
(*Três tipos de busca*, Folha de São Paulo, 21/07/2010)

4.4.5 Sequência dialogal

De acordo com Lé (2012, p. 64), “dentre as sequências apresentadas por Adam, a dialogal se revela como aquela que apresenta características mais peculiares”. A autora afirma que diferentemente dos outros tipos de sequência, a dialogal necessita sempre de uma troca conversacional para a manutenção do enunciado, ao passo que os outros tipos podem se realizar a partir da ação de um único interlocutor.

Outro aspecto relevante, conforme Lé (2012, p.64) presente na sequência dialogal é que elas aparecem prioritariamente nos gêneros primários bakhtinianos, uma vez que em suas formas de realização discursiva, é a que mais está presente nos gêneros característicos da comunicação humana, por exemplo: conversa telefônica, interação cotidiana oral, entrevista e entre outros. Contudo, essa característica não impede que essa sequência apareça também nos gêneros secundários, como ocorre, por exemplo, em romances.

No quadro a seguir, é apresentado o esquema da sequência dialogal, que de acordo com a autora, possui duas fases principais: “a primeira é a sequência fática (de abertura e encerramento) e a segunda corresponde às sequências transacionais (o diálogo propriamente dito)” (Lé, 2012, p. 64).



QUADRO 5: Esquema básico da sequência dialogal (adaptado a partir de ADAM, 1992, p. 159-163 apud Lé, 2012, p. 65)

Essas fases podem ser explicitadas de acordo com Bronckart (2009, p. 231), da seguinte forma: a fase da sequência fática de abertura corresponde ao processo em que os interacionistas entram em contato, de acordo com a cultura e formação social que os inscrevem; a fase da sequência transacional se refere ao processo em que conteúdo temático da interação verbal é construído; e a fase da sequência fática de encerramento corresponde ao fim da interação. No trecho a seguir do gênero entrevista jornalística, retirado de Lé (2012, p. 64), tem-se um exemplo dessa da sequência dialogal.

(5) texto dialogal

O GLOBO: Como o senhor vê a corrosão da fronteira entre as esferas pública e privada numa era marcada pela superexposição?

CHAIM SAMUEL KATZ: Ainda temos o preconceito de raciocinar sobre essa questão da individualidade e termos iluministas, quando o “eu” era centralizado. Não acredito na unicidade do eu do iluminismo. O que há é uma multiplicidade de “eus”. Temos várias identidades dependendo das circunstâncias.

O GLOBO: As redes sociais móveis que utilizam a geolocalização não estão superexpondo a intimidade?

KATZ: Acho menos grave do que os pais que controlam e vigiam seus filhos através de celulares com GPS, sob a alegação de preservarem a integridade deles. Nessas redes, a adesão é voluntária. Elas reúnem interesses e crenças contemporâneas que há dez anos não imaginávamos que pudessem acontecer. Não estou defendendo o uso delas, mas sim tentando entender o fenômeno. [...]

(*Novos modos de agregação*, por Adriana Barsotti, O Globo, 13/11/10)

Como se vê de um modo geral, os itens aqui apresentados são os principais elementos propostos por Adam na caracterização e definição das sequências textuais. Dessa forma, os aspectos referentes a cada sequência apresentada, tornam-se relevantes pela necessidade do estudo dos tipos textuais predominantes nos gêneros de domínio jornalístico, especialmente nos gêneros: tweet, plantão de notícias e blogs do jornal digital, uma vez que, as sequências se materializam dentro dos gêneros.

4.2 AS TIPOLOGIAS TEXTUAIS EM DOMÍNIO JORNALÍSTICO

Partindo das reflexões feitas no capítulo 3 sobre domínios discursivos, adotando o conceito trabalhado por Marcuschi (2008, p.194), entende-se como domínio discursivo uma esfera da vida social ou institucional (religiosa, jurídica, jornalística, pedagógica, política, industrial, militar, familiar, lúdica etc.) na qual se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão.

Desse modo, segundo o autor, os domínios discursivos produzem modelos de ação comunicativa, sendo que as práticas sociais (gêneros) desenvolvidas nos variados domínios discursivos exigem certo tipo de comportamento e composição, por exemplo, o comportamento discursivo de um indivíduo num circo não é o mesmo que num tribunal, assim como a produção textual de uma carta pessoal não é a mesma que um texto redigido para ser publicado num blog jornalístico. De acordo com Marcuschi (2008):

apesar de serem reconhecidos com características próprias, ou ainda como modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações em que ocorrem, os gêneros jornalísticos, de maneira alguma podem ser compreendidos fora da linguagem em uma perspectiva discursiva — seja por possuírem, permanentemente, uma dinâmica e adequação necessárias à realidade na qual estão inseridos — sua estabilidade é relativa ao momento histórico social em que surge e circula —, seja por remeterem, em última instância, à própria noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. (MARCUSCHI, 2008, p.84)

Localizados em uma categoria mais ampla, a dos gêneros textuais, a natureza dos gêneros jornalísticos é sociocomunicativa, baseada em parâmetros pragmáticos e discursivos, visto que, conforme Marcuschi (2008), sua sedimentação se dá por meio de práticas sociais desenvolvidas para atingir propósitos comunicativos, atingindo o público em questão.

Assim, de acordo com Escudero (2013) faz-se necessário abordar duas questões fundamentais no processo de produção dos gêneros jornalísticos. Muito mais que saber as características e funções de cada um deles, o jornalista necessita obter: domínios discursivos e competências comunicativas. A primeira questão refere-se ao domínio sob a esfera de realização dos variados usos da linguagem como interação social, e, quanto à segunda questão, refere-se à capacidade de uso da língua de acordo com a situação e o

local que envolve os indivíduos, a fim de que a compreensão da informação seja eficiente.

Nos discursos específicos, as tipologias correspondem a segmentos textuais nos quais as sequências se manifestam efetivamente e são identificados, conforme abordado na seção anterior, pela natureza linguística de sua composição. É evidente que, num dado gênero textual, mais de uma sequência pode vir a organizar o seu conteúdo temático.

Conforme Bonini (2011, p. 63), a variedade de sequências tipológicas pode ser entendida como uma das características presentes nos gêneros do jornal eletrônico. Além da característica de hipergênero, uma vez que é um gênero constituído por vários outros, como por exemplo, a programação de cinema, que é constituída por sinopse ou resumos de filmes.

As sequências textuais, segundo Adam (2009), apresentadas na seção anterior, são classificadas em: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal. Estas sequências se constituem dentro dos gêneros, e é justamente a junção dessas sequências, que vai garantir, além da plena compreensão da mensagem, a compreensão do processo de organização linguístico-textual do gênero.

O quadro abaixo, apresentado por Lé (2012), é composto por alguns gêneros presentes na esfera do jornal digital, identificando as características de cada gênero segundo pressupostos de Bakhtin – conteúdo temático, estilo e composição –.

Figura 6

GÊNERO JORNALÍSTICO	COMPOSIÇÃO	CONTEÚDO TEMÁTICO	ESTILO
Artigo de opinião	sequência argumentativa	centração temática	formal
Entrevista	sequências dialogal, argumentativa e expositiva	centração temática	formal e semiformal
Notícia	sequências narrativa e expositiva	centração temática	semiformal e formal
Crônica	sequências narrativa e argumentativa	flutuação temática	informal
Opinião do leitor	sequências argumentativa e expositiva	flutuação temática	semiformal e informal
Plantão de notícias	sequência expositiva	flutuação temática	semiformal e formal
Enquete	sequência dialogal	centração temática	formal
Blog	sequências expositiva e argumentativa	centração temática	formal, semiformal e informal
Twitter	sequências expositiva e dialogal.	flutuação temática	formal, semiformal e informal

Fonte: Lé (2012, p. 141)

A partir do quadro acima, é possível perceber, no que diz respeito às características da sequência textual, a presença da variedade de tipologias nos gêneros. Marcuschi (2008), afirma que dentro de um gênero existem diferentes tipos textuais predominantes, por exemplo, no blog pode haver trechos narrativos, trechos dissertativos, e trechos explicativos. Segundo o referido autor, a predominância das sequências pode variar de acordo com a temática, estilo, composição e o domínio discursivo usado para alcançar o público alvo.

Por serem analisados gêneros jornalísticos, a esfera de atuação varia de estilo formal ao informal, com temáticas voltadas a políticas, economia, cinema e entre outros.

Já as sequências variam dependendo do gênero, podendo dentro de um gênero constituir apenas uma sequência, ou constituir diversas, no caso, os blogs.

No que tange a presença de vários tipos em um gênero, Marcuschi (2008), afirma ser a “heterogeneidade tipológica do gênero, esta diz respeito ao fato de um gênero realizar sequências de vários tipos textuais.” (MARCUSCHI, 2008, p. 166). Como exemplo da heterogeneidade tipológica, tem-se este recorte abordado por Marcuschi (2008) do gênero carta pessoal:

Exemplo (2): NELFE-003 – Carta pessoal

Sequências tipológicas	Gênero textual: carta pessoal
Descritiva	Rio, 11/08/1991
Injuntiva	AmigaA.P. Oi!
Descritiva	Para ser mais preciso estou no meu quarto, escreveno na escrivaninha, com um Micro System ligado na minha frente (bem alto, por sinal).
Expositiva	Está ligado na Manchete FM - ou rádio dos funks - eu adoro funk, principalmente com passos marcados. Aqui no Rio é o ritmo do momento ... e você, gosta? Gosto também de house e dance music, sou fascinado por discotecas! Sempre vou à K.I,
Narrativa	ontem mesmo (sexta-feira) eu fui e cheguei quase quatro horas da madrugada.
Expositiva	Dançar é muito bom, principalmente em uma discoteca legal. Aqui no condomínio onde moro têm muitos jovens, somos todos muito amigos e sempre vamos todos juntos. É muito maneiro!
Narrativa	C. foi três vezes à K. 1.,
Injuntiva	pergunte só a ele como é!
Expositiva	Está tocando agora o "Melô da Mina Sensual", super demais! Aqui ouço também a Transamérica e RPC}M.
Injuntiva	E você, quais rádios curte?

Fonte: Marcuschi (2008, p. 156 – 157)

Dessa forma, é pertinente destacar que os gêneros são dinâmicos, adaptados às situações sociocomunicativas, não sendo possível encontrar sempre os mesmos tipos textuais em determinados gêneros, pois eles podem variar de um texto para outro.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo focalizam-se os principais procedimentos metodológicos da pesquisa, tais como a constituição do corpus, coleta de dados, critérios de análise, objetivos e hipóteses da pesquisa. Em seguida, apresenta-se a análise dos dados investigados.

5.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

“O desafio essencial da universidade e também da educação moderna é a pesquisa, definida como princípio científico e educativo” (DEMO, 2012, p. 35), conforme o referido autor, a pesquisa apresenta-se como condição instrumental essencial para a construção do conhecimento crítico e criativo, uma vez que a mesma perfaz um dos meios para uma educação emancipatória, produtora de conhecimento e não mera copiadora. Tendo em vista os pressupostos de Demo (2012), este trabalho teve a oportunidade de surgir a partir de um grupo de pesquisa.

O interesse da pesquisadora pelo estudo das sequências textuais surgiu a partir da sua entrada no PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica –, como pesquisadora voluntária do grupo de pesquisa HIPERJOR – Hipertexto e jornalismo –, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Jaqueline Barreto Lé, no Centro de Formação de Professores (CFP/UFRB).

Tendo contato com teóricos que tratavam das sequências textuais, todo um leque de informações foi ampliado quanto ao tema, pois passou-se a enxergar as tipologias textuais como partes essenciais e integrantes na constituição teórica dos gêneros, uma vez que a distinção entre sequências textuais e gêneros era pouco reconhecida pela pesquisadora.

Para a elaboração deste trabalho, utilizou-se, primeiramente, do levantamento bibliográfico de referências e fase de leitura, abarcando fontes como livros, artigos e teses, que discutem sobre o tema. Após o levantamento dos referenciais teóricos e dos pontos mais relevantes sobre as sequências textuais e suas principais características, realizou-se a preparação para a constituição do corpus e coleta de dados.

O corpus da pesquisa constituiu-se de textos do domínio jornalístico em meio

digital das edições de três jornais de circulação nacional: *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*, selecionando-se quatro gêneros do jornal digital no total de 80 textos, sendo selecionados, como amostra para este estudo, 12 textos de jornais digitais de circulação nacional. Assim, foram analisados 3 posts de blogs, 3 enquetes, 3 tweet da plataforma twitter e 3 plantão de notícias.

A seguir, procedeu-se à coleta de dados com capturas de telas dos gêneros: tweet, blogs, plantão de notícias e enquetes, dos jornais digitais acima mencionados. A escolha dos gêneros distintos nas versões eletrônica do jornal teve por objetivo contemplar os gêneros jornalísticos mais conhecidos na esfera digital dos jornais, com o intuito de analisar o fenômeno da heterogeneidade tipológica nessas práticas comunicativas.

A coleta deu-se entre os dias 21 de dezembro de 2017 a 15 de março de 2018, data escolhida aleatoriamente. Durante a coleta, houve um entrave com relação ao acesso gratuito às notícias completas dos gêneros dos jornais O Globo e Folha de São Paulo, o que levou a ampliar o campo de pesquisa para outro jornal, no caso, o Jornal do Brasil. Ao total, foram extraídas 80 capturas de telas dos gêneros como *corpus* da pesquisa no grupo HIPERJOR. No entanto, só foram utilizados 12 *corpus* para elaboração deste trabalho.

Concluída a compilação de dados, deu-se início às análises dos textos coletados, sendo dos mais diversos temas como, economia, cultura, política e educação, que tiveram como objetivo verificar os tipos de sequência textual, a partir da noção apresentada por Adam(2009), presente em cada gênero, caracterizando-os conforme sua composição e tendo em vista o fenômeno da heterogeneidade tipológica. Cada gênero foi analisado considerando-se os três elementos que o definem como tal, na perspectiva teórica bakhtiniana: *composição*, *conteúdo temático* e *estilo*. Sendo esses três aspectos vistos como essenciais na caracterização das práticas comunicativas relativamente estáveis.

Desta forma, este trabalho enquadra-se numa pesquisa de cunho qualitativo e tem por objetivo analisar a ocorrência das sequências ou tipos textuais presentes nos gêneros do jornal digital (tweet, blog, plantão de notícias e enquete), com vistas à classificação de sequências textuais a partir da abordagem de Jean-Michael Adam (2009), – a saber: narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo e dialogal – os quais são concebidas pelo autor como configurações linguístico-formais que se materializam nos gêneros, constituindo parte fundamental de sua estrutura composicional.

É levado em consideração a classificação de gêneros de acordo com Bakhtin (1997) e Marcuschi (2005). O conceito de heterogeneidade tipológica proposto por

Marcuschi (2005) – que afirma que, em geral, os gêneros são compostos por dois ou mais tipos textuais – é também objeto de observação. Dessa forma, a análise será sustentada pelas discussões teóricas já apresentadas nas seções anteriores deste trabalho, tanto no que se refere à abordagem bakhtiniana sobre os gêneros, como no que diz respeito à proposta teórica de J. M. Adam (2009).

Foi levado em consideração também na análise o objetivo geral, que é: verificar a predominância das tipologias textuais nos gêneros tweets, blogs, plantão de notícias e enquete dos jornais digitais *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*, com o intuito de observar como as sequências estão organizadas dentro desses gêneros. E os objetivos específicos, que são: analisar em que medida a *heterogeneidade tipológica* está presente na composição estrutural dos gêneros (tweets, blogs, plantão de notícias e enquete) do jornal digital.

Assim com os objetivos, as hipóteses foram consideradas na análise, que são: hipótese básica é que as sequências textuais são imprescindíveis no processo de construção de sentido dos gêneros textuais, visto que as sequências se materializam nos gêneros, constituindo parte fundamental de sua estrutura composicional. Além dessa, elencamos mais duas, a saber: 1) os aspectos constitutivos dos gêneros, bem como o meio e a função em que esse gênero é publicado/utilizado influencia na organização estrutural do texto, uma vez que, fatores como o estilo e a temática do produtor são de grande importância na escolha de utilização das sequências textuais. 2) O blog por sua extensão em relação ao tweet, enquete e plantão de notícias, provavelmente prevalece a predominância do fenômeno da heterogeneidade tipológica.

Tendo em vista, então, a importância de considerar todos os aspectos mencionados, parte-se, para a análise dos dados.

5.2 ANÁLISES DE DADOS

Conforme foi assinalado anteriormente, referente aos procedimentos metodológicos da pesquisa, abordam-se aqui quatro gêneros distintos que atualmente fazem parte do domínio jornalístico, nas edições eletrônicas dos jornais *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Plantão de notícias, enquete, blog e tweet, segundo Lé (2012, p. 118), todos eles correspondem a práticas comunicativas essenciais ao conteúdo jornalístico e podem ser vistos, no sentido bakhtiniano, como tipos relativamente estáveis de enunciados, social e

historicamente situados no domínio em questão, ou seja, na esfera de atuação do jornalista e do leitor do jornal.

As ocorrências das sequências textuais foram analisadas em quatro gêneros do jornal digital, com temas relacionados a política, economia e cultura. Segundo Adam (2009), a sequência textual se configura como parte essencial na constituição dos gêneros textuais. De ordem linguisticamente estável, e se apresentando em número limitado as sequências constituem estruturações definidas conforme suas características, conforme foi abordado no capítulo 3 deste trabalho.

5.2.1 Tweet

O Tweet possui milhões de usuários enviando opiniões diariamente sobre os mais variados assuntos. Presente nos principais portais jornalísticos nacionais desde 2009, o tweet corresponde a uma forma de acesso ao conteúdo online, que segundo Lé (2012, p. 137), apresenta semelhanças com o plantão de notícias, já que, quando se trata do tweet oficial do jornal, também tem o papel de levar ao leitor digital as principais notícias do dia, mas em outro ambiente, conectado hipertextualmente ao portal jornalístico. Considerando-se que atualmente muitos leitores digitais são também usuários do Tweet, esse gênero aproxima ainda mais o jornal ao seu público alvo, divulgando as notícias muitas vezes antes de qualquer outro canal de informação online.

De acordo com os pressupostos bakhtiniano, quanto ao conteúdo temático, este gênero tem se mostrado bastante variado, por se tratar do tweet dos jornais (Folha de São Paulo e O Globo), o gênero segue os conteúdos das notícias apresentadas no portal jornalístico, no caso de (5), (6^o) e (7), os conteúdos variam de educação, cultura e economia. Quanto ao estilo, é observado que varia entre o formal e o semiformal, considerando a seleção de vocabulário, o tom mais direto e objeto na apresentação da notícia.

E quanto a estrutura composicional, segundo Lé (2012), apresenta elementos diferenciados dos outros gêneros, em especial: utilização limitada de 270 caracteres.

No tweet (5), do jornal O Globo, percebe-se a presença da sequência explicativa-expositiva, pois apresenta a informação de maneira curta e específica em que o leitor capta rapidamente o tema central da notícia, (*Caetano Veloso tem equipamento de show roubado na Bahia*). Tendo em vista os pressupostos apresentados por Adam (2009), esta

sequência é composta pela fase da problematização, ou seja, é apresentado o acontecimento da questão (*equipamento de show roubado*).

Em (6), tweet do jornal O Globo, o tipo de sequência explícita é a explicativa-expositiva, pois, há uma relação de exposição e explicação. Primeiro é lançado o acontecimento – a problematização– (*MEC homologa resolução*), e logo em seguida, uma explicação do fato ocorrido – resposta – (*que autoriza nome social nas escolas de educação básica*).

Em (7), tweet do jornal Folha de São Paulo, o tipo de sequência observada também é a explicativa-expositiva, uma vez que é exposto uma notícia com intuito de informar o leitor/seguidor. Esta sequência é composta pela fase problema (*Prejuízo da Petrobrás*), pela fase explicação (*pressiona bolsa*), e pela fase conclusão (*e ações caem mais 4%*).

É importante destacar a figura (7), observando que, na seção de comentários do tweet, há, ainda, a sequência narrativa prevista no hiperlink da notícia, o que reforça a heterogeneidade tipológica. O leitor ao clicar no hiperlink terá acesso a notícia completa, tendo assim, contato com outros tipos de sequências textuais. Nesse sentido, pode ser considerado como fator de heterogeneidade tipológica, embora seja constatado a sequência explicativa-expositiva como a predominante.

Dessa forma, como foi abordado na seção 4 deste trabalho, a composição das sequências pode variar, não seguindo exatamente uma ordem linear de suas fases, entretanto, possui características próprias de seu tipo. Além disso, algumas sequências são características predominantes de determinados gêneros, no caso dos exemplos apresentados, é possível observar que a sequência explicativa-expositiva é predominante no gênero tweet do jornal digital, uma vez que o mesmo possui como objetivo expor, explicar e informar o leitor sobre determinada notícia.

Figura (5) O show



Fonte: tweet do jornal O Globo, retirado no dia 15/01/2018

Figura (6) Nome social



Fonte: tweet do jornal O Globo, retirado no dia 17/01/2018

Figura (7) Queda das ações



Fonte: tweet da Folha de São Paulo, retirado no dia 15/03/2018

5.2.2 Blog

Segundo Lé (2012), o blog é mais uma forma de interação com o leitor digital. O gênero, como foi visto na seção 2 deste trabalho, aproxima o colunista do seu público alvo, uma vez que permite o comentário direto em suas postagens, podendo o leitor opinar, elogiar e criticar os textos publicados.

Partindo dos pressupostos bakhtinianos, em termos de conteúdo temático, viu-se, que os 3 posts de blogs jornalísticos coletados tendem a se enquadrar em um assunto vinculado à temática geral da página do colunista, havendo, portanto, uma espécie de concentração temática, no caso, as temáticas presentes foram política e educação. É importante ressaltar, que no ano de coleta, o país enfrentava momentos de turbulência na sua conjuntura política.

No que tange ao estilo apresentado nos posts dos blogs, verificou-se, no corpus digital da pesquisa, que cada colunista pode marcar seu estilo, apresentando grau de formalidade. observem-se em (8), (9) e (10).

Figura 8

LULA · OPERAÇÃO LAVA JATO · PT

Defesa de Lula pede que ele fique na Polícia Federal

Eles solicitam que, se o ex-presidente for transferido, vá para uma sala de Estado Maior em SP

7 mai. 2018 às 10h55

A defesa do ex-presidente Lula protocolou um pedido para que ele permaneça preso na Polícia Federal (PF) em Curitiba e não seja transferido, como pediu à Justiça a própria Superintendência da PF na cidade.

Eles pedem também que, caso alguma transferência ocorra, ela seja para uma “Sala de Estado Maior, em instalações militares situadas no raio da Grande São Paulo”.

Em ofício do final de abril à juíza Carolina Lebbos, da execução penal, [os policiais pediram](#) a transferência do ex-presidente para “um estabelecimento prisional adequado para o cumprimento da pena imposta”, afirmando que os transtornos causados pela presença dele na carceragem da PF são inúmeros e os gastos para mantê-lo, muito altos —cerca de R\$ 300 mil em um mês.

O pedido da defesa cita trechos da decisão de Sergio Moro que

determinou a prisão de Lula. Nela, o juiz afirma que “uma espécie de Sala de Estado Maior” havia sido previamente preparada na Superintendência “em razão da dignidade do cargo [de Presidente da República] ocupado” por Lula.

Instado a se manifestar, o Ministério Público também já apresentou parecer contrário à transferência do ex-presidente.

Mônica Bergamo

Está na Folha desde abril de 1999. Na coluna, aborda diversas áreas, entre elas, política e coluna

Fonte: Post do blog Mônica Bergamo, do jornal Folha de São Paulo, retirado no dia 07/03/2018

Quanto à sua estrutura composicional, alguns aspectos são destacados, a saber: (a) a apresentação dos posts numa ordem cronológica na página do blog (de acordo com o post mais recente), percebeu-se que as publicações seguem uma linearidade de acordo com os acontecimentos dos fatos. Por serem blogs jornalísticos, tendo o intuito de apresentar informações do cotidiano e do mundo ao leitor, essa ordem pode estar direcionada a esse fato, que é justamente o de apresentar ao leitor os ocorridos do dia; (b) assinatura do colunista do jornal; (c) uso predominante das sequências expositiva e argumentativa;

Em (8), retirado do post do blog da Mônica Bergamo, do jornal folha de São Paulo, trata-se de um texto relacionado a notícia sobre o estado de prisão do ex-presidente Lula. As sequências variam de acordo com as informações apresentadas no texto. Inicialmente tem-se uma sequência explicativa, em que é exposto o acontecimento da notícia. (*A defesa do ex-presidente Lula protocolou um pedido para que ele permaneça preso na Polícia federal [...]*).

Nesta sequência (*[...] eles pedem também que, caso alguma transferência ocorra[...]*), observa-se a presença das fases da explicação, atribuídas por Adam (1992), mencionadas na seção 2 deste trabalho, composta pela fase de apresentação da questão (*A defesa do ex-presidente Lula protocolou um pedido para que ele permaneça preso na Polícia Federal...*), e em seguida, a fase da resposta ou propriamente explicação (*...e não seja transferido...caso alguma transferência ocorra...*) e termina na conclusão (*...situadas no raio da grande São Paulo*). Como o nome da sequência já diz, é apresentado uma explicação-exposição do fato apresentado. Em seguida, é constatado a presença da

sequência narrativa no primeiro parágrafo abaixo, em (1) é relatado o *porquê* do pedido de transferência de Lula (...os policiais pediram a transferência do ex-presidente ...afirmando que os transtornos causados pela presença dele na carceragem da PF são inúmeros...).

Enquanto que, no segundo parágrafo, percebe-se a presença da sequência explicativa. É apresentado novamente o porque do pedido de não transferência de Lula da polícia federal (o juiz afirma que “uma espécie de sala de Estado Maior” havia sido previamente preparada na superintendência” em razão da dignidade do cargo...”).

E por fim, é apresentado a conclusão-avaliação da explicação (o Ministério Público já apresentou parecer contrário à transferência do ex-presidente). Assim, percebe-se, no caso desse blog, a presença de duas sequências: a explicativa e a argumentativa.

Figura 9

claudia costin



OPINIÃO · EDUCAÇÃO

Não há Base para aprender sem professores

Nada funcionará sem docentes em todas as salas de aula o ano inteiro



9.mar.2018 às 2h00

Nesta semana, dois movimentos importantes para o futuro do país acontecem no Brasil: o dia D da Base —ou seja, a mobilização de todas as redes municipais e estaduais de escolas públicas para envolver os professores na tradução da recém-aprovada [Base Nacional Comum Curricular](#) em currículos— e a retomada da discussão da parte da Base correspondente ao ensino médio.

Antes que alguém se surpreenda com a vinculação desses eventos aparentemente corriqueiros aos próximos anos, é bom lembrar que a definição mais clara do que crianças e jovens devem aprender e os direitos de aprendizagem de cada um deles é o que vai permitir que professores, num trabalho coletivo e sequencial, saibam o que é esperado a cada ano de escolaridade e em cada etapa de ensino.

O trabalho dos professores é, por natureza, um trabalho de equipe e deve-se saber o que se espera que os alunos aprendam numa área para atuar em outras disciplinas e numa série escolar para ensinar na próxima.

Mas não é suficiente ter a Base e currículos que a traduzam, contextualizados para cada área do país e para cada realidade escolar. É necessário contar com materiais curriculares que apoiem a atuação dos professores e muito investimento em formação continuada em serviço.

Afinal, há uma lei que estabelece que um terço do tempo do professor deve ser reservado para atividades extraclasse, ou seja, para preparar aulas —de preferência colaborativamente com seus pares—, corrigir trabalhos de alunos, entender quais são exatamente os déficits de aprendizagem deles e se capacitar para uma prática melhor.

Há, porém, uma realidade que pode prejudicar e muito a implementação da Base e de que pouco se fala: em muitas salas de aula, nas escolas públicas, o ano letivo nem sequer começou, pois faltam professores para dar aulas.

Fonte: Post do blog Claudia Costin, do jornal Folha de São Paulo, retirado no dia 09/03/2018

No blog da colunista Claudia Costin, retirado do jornal Folha de São Paulo, é apresentado questões e críticas voltadas a implementação da BNCC – Base Nacional Comum Curricular –. Observa-se a predominância das sequências argumentativa e explicativo-expositivo. A sequência argumentativa está presente quando a colunista lança argumentos para que o leitor corresponda ao seu ponto de vista. Já a sequência explicativo-expositivo, ocorre quando a colunista expõe a questão e há uma relação de explicação propriamente dita. Assim, é constatado inicialmente a sequência explicativa-expositiva, é exposto a notícia (*nesta semana, dois movimentos importantes para o futuro do país acontecem no Brasil...*)

Em seguida, é lançado uma argumentação para fortalecer o ponto de vista da escritora (*...é bom lembrar que a definição mais clara do que crianças e jovens devem aprender...*), e convencer o leitor de que além da BNCC se apresentar como fator relevante no processo da educação, é de suma importância dar atenção ao trabalho dos professores e sobretudo oferecer suportes para que se concretize uma educação de qualidade. Nesse sentido, nos parágrafos (*antes que alguém se surpreenda com a vinculação desses eventos aparentemente corriqueiros[...] o trabalho dos professores de equipe [...]*) se caracterizam como sequências argumentativas.

Adam (2009) afirma que “seu objetivo é ou para demonstrar, ou para refutar uma tese”, isso acaba ocorrendo na figura (9), a escritora expõe sua opinião sobre a Base comum curricular, crítica alguns problemas que ocorre na rede pública escolar e por fim lança sua opinião sobre tal tema, tudo isso usando argumentos para atestar tal fato.

No trecho (*[...] mas não é suficiente ter a base e currículos que a traduzam, contextualizados para cada área do país e para cada [...] é necessário contar com materiais curriculares[.]*), a sequência constatada é a argumentativa, uma vez que a mesma tem como objetivo “transformar uma convicção” (LÉ, 2012, p. 63), no caso, a de que é necessário mudar muito mais que a Base nacional comum curricular, mas sim, investir em suportes que ajudem os professores e em formação continuada.

Desse modo, observa-se que o texto apresenta a sequência argumentativa e a explicativa, com predominância na sequência argumentativa uma vez que a escritora utiliza de argumentos para apresentar o fato.

Figura 10

fernando canzian



ELEIÇÕES 2018 · VIOLÊNCIA · INTERVENÇÃO NO RIO

Povo ensaia volta às ruas, e a esquerda quer mais

Ciro e Boulos prometem colocar população no centro das decisões

Ainda não se sabe quem fez os ataques e os motivos. Mas o que se viu foram **milhares de pessoas** que se indignaram e voltaram às ruas. Não se via algo assim espontâneo, em várias cidades, desde o processo de impeachment de Dilma Rousseff e das manifestações de 2013.

Na avenida Paulista houve coros de “Fora, Temer” e palavras de ordem contra a PM do pré-candidato tucano Geraldo Alckmin. No Rio, Temer também foi alvo dos manifestantes. Em Brasília, o também pré-candidato **Rodrigo Maia** (DEM) foi vaiado na homenagem à vereadora.

Com Lula fora da campanha, a maior atividade no campo da esquerda deverá vir de **Ciro Gomes** (PDT), hoje embolado com outros em segundo (Bolsonaro lidera), e de **Guilherme Boulos**, do mesmo partido de Marielle.

É cedo para saber o alcance desse movimento e se o já conhecido gosto pelas ruas ressurgirá. Mas tanto Boulos quanto **Ciro** sugeriram nesta semana colocar o povo novamente no centro das decisões.

Ambos prometem, se eleitos, realizar plebiscitos para resolver grandes questões sem depender de barganhas em um Congresso dominado pelo “presidencialismo de coalizão”, onde MDB e DEM (ex-PFL) dão as cartas sem nunca terem eleito um presidente diretamente.

Ciro diz que reformar a Previdência e o sistema tributário exigirá um “novo pacto federativo” e que isso deve ser feito via plebiscito. Boulos diz o mesmo quando fala em aumentar o imposto sobre o 1% mais rico.

Por enquanto, é impossível saber se novas manifestações vão ocorrer e sequer se a esquerda, ainda dividida e iludida com Lula, se mobilizará em torno de um projeto comum que a viabilize eleitoralmente.

O que sabemos: é o Congresso quem decide se uma medida será submetida a plebiscito, e isso precisa ser requisitado por ao menos um terço dos deputados ou senadores.

Depois, a proposta precisa ser votada nas duas Casas e aprovada por maioria simples, para só então ir a voto popular (obrigatório) em todo o país.

Nada é tão fácil quanto candidatos em campanha querem fazer

parecer. Sobretudo se depender dos 29 partidos que ainda loteiam o Congresso.

Fernando Canzian

É vencedor de quatro prêmios Esso e autor de 'Desastre Global-Um ano na pior crise desde 1929'.

Fonte: Post do blog Fernando Canzian, do jornal Folha de São, retirado no dia

No post do blog do colunista Fernando Canzian, retirado do jornal Folha de São Paulo, é apresentado o contexto político (eleições para a presidência) do país sobre a situação dos partidos políticos e insatisfação da população. O colunista destaca a situação problema e no decorrer do texto ele vai apresentando informações que podem ou não influenciar no pensamento do leitor.

No trecho abaixo é constatado a sequência explicativa- expositiva, é apresentado a esquematização inicial, ou seja, a situação (*ainda não se sabe quem fez os ataques e os motivos. Mas o que se viu foram milhares de pessoas que se indignaram e voltaram às ruas. Não se via algo assim espontâneo...*). Em seguida, o texto continua com a sequência narrativa, relatando o como aconteceu tal situação (*na avenida paulista houve coros de “Fora, Temer” e palavras de ordem contra a PM do pré-candidato tucano Geraldo Alckmin. No Rio, Temer também foi alvo dos manifestantes...*).

O colunista continua apresentando os fatos, utilizando da sequência narrativa para sobre a ida da esquerda à rua, uma vez que Lula está fora da campanha a alternativa da esquerda são os candidatos Ciro Gomes e Guilherme Boulos.

Dando continuidade ao texto, a sequência explicativa-expositiva prevalece. O colunista continua apresentando informações ao leitor sobre os candidatos referentes aos seus projetos quanto a reforma da previdência e reforma tributária. Dando seguimento, o escritor começa a conclusão dos fatos noticiados (*...por enquanto, é impossível saber se novas manifestações vão ocorrer...nada é tão fácil quanto candidatos em campanha querem fazer parecer...*)

De acordo com as observações referentes a identificação das sequências textuais do blog jornalístico, percebeu-se a predominância da sequência explicativo-expositiva tendo em vista, o conteúdo temático, o estilo do gênero e a esfera jornalística, uma vez que esses aspectos contribuíram para tal identificação. Os blogs analisados tem como principal intuito informar o leitor sobre os acontecimentos, notícias e fatos, para isso, a utilização da explicação e exposição se apresenta como aspecto essencial na construção do sentido que o escritor quer passar para o leitor.

5.2.3 Plantão de notícias

Este gênero, que aparece nas edições eletrônicas dos jornais que, apesar de apresentar em si a notícia, assume outra velocidade e um formato específico de realização. Segundo Lé (2012, p. 131), a diferença em relação ao gênero notícia é especialmente vinculada à estrutura composicional, já que o plantão focaliza, através de sua estrutura disposta em tópicos, apenas os títulos das notícias, também conhecidos como manchetes.

Quanto ao estilo, assume o aspecto formal e semiformal, e quanto ao conteúdo temático, varia, pois como foi dito anteriormente, o gênero em questão assume velocidade na medida em que as notícias vão acontecendo. Assim, a temática é de acordo com as principais notícias do momento.

Nos exemplos apresentados abaixo, retirados do jornal O Globo, possuem em sua composição a sequência explicativa-expositiva. O gênero se caracteriza pela praticidade da informação, contendo apenas tópicos das notícias tidas como mais relevantes do momento.

Figura 11

01	Exclusivo: Segundo testemunha, vereador e miliciano estão envolvidos na morte de Marielle
02	Neymar negocia com o Real Madrid, destaca jornal espanhol
03	Ato ecumênico em memória de Matheusa
04	Caso Marielle: delator diz que está jurado de morte por miliciano
05	Exclusivo: testemunha envolve vereador e miliciano no assassinato de Marielle Franco

Fonte: Jornal O Globo

Figura 12

- 01 Tiro atinge torre comercial do shopping Rio Sul, em Botafogo

- 02 Sancionada por Temer, nova lei tira da Justiça comum mil ações sobre militares

- 03 Foragida, 'avó nazista' condenada por negar Holocausto é presa

- 04 Crítica: 'Paulo, Apóstolo de Cristo'

- 05 Marcela Temer pula em lago do Alvorada para resgatar seu cachorro

Fonte: Jornal O Globo

Figura 13



Fonte: Jornal O Globo

5.2.4 Enquetes

Esse gênero se apresenta, dentre os aqui analisados, o que permite a interação e a opinião do leitor de forma direta para ser concretizado. No sentido em que, se o leitor não participar da enquete, esta se torna vazia e sem sentido, uma vez que seu objetivo é, com a participação do leitor produzir determinados dados para tal acontecimento. É a verificação, aceitação, opinião que a população faz sobre aquele acontecimento ou fato que o jornal quer detectar.

O gênero enquete, portanto, apresenta conteúdo temático específico, de interesse do jornal ou do colunista, que o apresenta, por exemplo, em seu blog. No caso do Jornal do Brasil, ele aparece frequentemente ao final da página principal do jornal. O estilo observado nas enquetes jornalísticas é mais direto, apesar de ser ainda formal,

priorizando-se o tom de aproximação com o leitor.

No que se refere à composição estrutural, nesse gênero se realiza essencialmente a sequência dialogal, já que as enquetes jornalísticas buscam travar um diálogo direto com o leitor (por meio de uma pergunta direta). Tudo isso pode ser observado nos exemplos a seguir das enquetes, retiradas do Jornal do Brasil.

Figura 14

JORNAL DO BRASIL
Quarta-feira, 31 de janeiro de 2018 Fundado em 1891

Capa ▾ Colunistas ▾ País ▾ Rio Economia ▾ Internacional Esportes Ciência e Tecnologia Cultura Fotos e Vídeos J Blogs

Enquetes

13/07/2017 09h19

A denúncia contra Temer deve ser aceita pela Câmara?

75% - Sim
24% - Não

Compartilhe: [Recomendar 11 mil](#) [Compartilhar](#) [Compartilhar](#) 14 [Tweeetar](#) [G+](#)

Fonte: Jornal do Brasil

Figura 15

JORNAL DO BRASIL
Quarta-feira, 31 de janeiro de 2018 Fundado em 1891

Capa ▾ Colunistas ▾ País ▾ Rio Economia ▾ Internacional Esportes Ciência e Tecnologia Cultura Fotos e Vídeos J Blogs

Enquetes

20/11/2017 17h46

A reforma da Previdência trará benefícios para a população?

19% - Sim
80% - Não

Compartilhe: [Recomendar 11 mil](#) [Compartilhar](#) [Compartilhar](#) 14 [Tweeetar](#) [G+](#)

PUBLICIDADE

CASAR BAHIA

-28%

Image of Casar Bahia smartphones.

Fonte: Jornal do Brasil

Figura 16

JORNAL DO BRASIL
Quarta-feira, 31 de janeiro de 2018 Fundado em 1891

Capa ▾ Colunistas ▾ País ▾ Rio Economia ▾ Internacional Esportes Ciência e Tecnologia Cultura Fotos e Vídeos J Blogs

Enquetes

15/12/2012 13h49

Você considera caros os itens da ceia natalina brasileira?

93% - Sim
6% - Não

Compartilhe: [Recomendar 11 mil](#) [Compartilhar](#) [Compartilhar](#) [Tweeter](#) [G+](#)

Fonte: Jornal do Brasil

Conforme Adam (2009), “um texto dialogal é uma sequência hierarquizada de sequências chamadas de trocas”, desse modo, a enquete se enquadra nesse tipo textual, pois elas fazem um diálogo com o leitor, procurando saber sua opinião sobre determinado assunto. Nos casos observados acima, a troca acontece quando lançam a pergunta e o leitor responde com “sim ou não”. Assim, a predominância da sequência observada foi a dialogal, justamente por se caracterizar pela presença da interação entre jornal e leitor.

A partir das análises realizadas anteriormente, tem-se uma tabela baseada no quadro apresentado por Lé (2012, p. 141), no qual é mostrado as características gerais dos gêneros observados, no que diz respeito às tipologias presentes e aos aspectos bakhtiniano (estilo, composição e conteúdo temático).

Gênero jornalístico	Estilo	Composição	Conteúdo temático
Tweet	Formal	Sequência explicativa-expositiva	Educação, economia e cultura
Blog	Formal e semiformal	Sequência explicativa-expositiva e sequência argumentativa	Política e educação
Plantão de notícias	Semiformal	Sequência explicativa-expositiva	A temática varia de acordo com as principais notícias, no caso do momento da coleta, foram: política, crimes e investigação policial
Enquetes	Formal	Sequência dialogal	Política e economia

No quadro acima, procurou-se apresentar a predominância dos aspectos observados nos gêneros (tweet, blog, plantão de notícia e enquetes). O principal fenômeno a ser destacado, no que diz respeito às tipologias é a heterogeneidade tipológica, discutida na seção 3. Foi constatado que apenas o gênero blog possui em sua composição o fenômeno da heterogeneidade tipológica, uma vez que apresenta a presença de mais de um tipo de sequência textual predominante. As sequências encontradas foram a explicativa, a argumentativa, além da narrativa (mesmo não sendo esta última predominante).

O fato de o gênero ser jornalístico, que apresenta um estilo formal com temáticas voltadas a política e educação, tem contribuído para a presença das sequências mencionadas anteriormente, posto que o intuito dos blogs em questão são justamente informar o leitor, apresentar um fato para que o mesmo tenha conhecimento sobre os acontecimentos. Nisso, o colunista utiliza de argumentos e explicações para apresentar a notícia.

Os outros gêneros, de um modo geral, apresentaram apenas uma sequência

predominante em sua composição, vê-se no quadro acima, demonstrando que possuem sequências específicas na construção textual. Os objetivos dos gêneros – (o tweet, a enquete e o plantão de notícias) que é informar, em tempo real, de forma clara e específica os acontecimentos do mundo, interagindo com o leitor, procurando saber sobre sua opinião –, também contribuem na utilização de determinadas sequências.

No gênero plantão de notícias, podemos observar que ao clicar na notícia o leitor terá acesso a todo o conteúdo, indicando assim, que ele terá contanto com outros tipos de sequências, uma vez que o texto é constituído por elas. Nesse sentido, essa situação pode ser considerada como fator de heterogeneidade tipológica, uma vez que a sequência explicativa-expositiva, por meio do hiperlink dar acesso ao leitor a outros tipos de sequências textuais.

No gênero enquete, foi observado que na elaboração da pergunta pode haver a presença da sequência descritiva. Primeiro é apresentado uma descrição sobre determinado conteúdo e depois é lançado a pergunta de sim ou não. Vejamos na figura(17)

Figura 17

cotidiano

Ação da PM na cracolândia

31/07/2012 @ 15h07

f t < 0 + Mais opções

A Justiça concedeu uma **liminar** (provisória) em que proíbe ação "vexatória" contra usuários de drogas na região da cracolândia, no central de São Paulo. A decisão impede ainda eles sejam retirados do local ou obrigados a se deslocar para outras áreas. Você acha que a operação da PM foi positiva para a região?

Sim

Não

Votar

Fonte: Enquete postada em 31 de julho de 2012, pelo jornal Folha de São Paulo.

Ainda é válido ressaltar, que em outros casos os gêneros, não os apresentados no corpus da pesquisa, podem se constituir de outros tipos de sequências, visto que os aspectos (como a esfera de uso, o estilo, o conteúdo temático) dos gêneros podem

interferir na utilização das sequências.

Assim, as práticas comunicativas associadas ao jornalismo digital têm permitido a estabilização de gêneros como o *blog*, *plantão de notícias*, *enquete* e *tweet*, afirmando, na sua constituição o que Bakhtin (1997) afirma “formas relativamente estáveis de enunciado”. Assim, as tipologias encontram-se como importante aspecto na composição destes gêneros textuais, uma vez que estes se constituem pelas sequências e, também, ocupam papel relevante na construção textual do(s) sentido (s).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu analisar as predominâncias das sequências textuais em gêneros do domínio jornalístico, em especial, no tweet, blog, enquete e plantão de notícias do jornal *O Globo*, *A Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*, com o intuito de verificar as sequências textuais presentes, observando o fenômeno da heterogeneidade tipológica na constituição textual dos gêneros.

No que se refere ao objetivo geral, em nosso entendimento foi alcançado tendo em vista que, na análise apresentada pudemos verificar nos gêneros cada tipo de sequência textual presente. Desta maneira, viu-se que a predominância das sequências textuais depende do gênero, da informação, da função que ele exerce e do objetivo que ele quer alcançar com o leitor. Por exemplo, em um blog voltado a conteúdos esportivos, numa matéria sobre um jogo de futebol, a sequência predominante será a narrativa, uma vez que o produtor irá narrar os fatos ocorridos no jogo, utilizando também da sequência explicativa-expositiva para contar o acontecido.

Com relação aos objetivos específicos, abordamos a noção de sequência textual de Adam (1992, 2009), apresentando as peculiaridades envolvidas no processo de formação de cada sequência. Nos gêneros analisados, foi necessário reconhecer as características de cada tipo de sequência, assim como o conteúdo tratado para que a constatação dos tipos fosse efetuada corretamente.

Também foi possível verificar o fenômeno da heterogeneidade tipológica, sendo constatado que em alguns gêneros possuem em sua construção textual mais de um tipo de sequência, apesar dessa característica, pode atuar em sua composição a predominância de um tipo, dependendo da função e do objetivo que o produtor quer alcançar. No blog, por exemplo, além de ser verificado a presença de mais de um tipo de sequência textual,

foi possível observar que a sequência explicativa-expositiva predominou na construção de sentido dos textos, tendo em vista que os blogs são dos jornais digitais, com temática voltadas a política e educação com intuito de apresentar a informação ao leitor sobre as principais notícias/conteúdo do momento.

As hipóteses apresentadas inicialmente neste estudo foram confirmadas, considerando-se os dados encontrados no jornal digital. Sobre a primeira hipótese, viu-se que a sequência textual é essencial na construção de sentido dos gêneros textuais, uma vez que os eles se materializam por meio dessas sequências.

A segunda hipótese, dos aspectos constitutivos dos gêneros, também foi comprovada, já que, se observou nos exemplos, que as funções, temáticas e estilo atreladas a esses gêneros influenciam na utilização das sequências textuais. Como os gêneros digitais analisados são do domínio jornalístico, abordando temáticas voltadas a política, economia e educação, entende-se que a escrita utilizada seja do formal ao semi-informal. Nesse sentido, a utilização das sequências textuais predominantes nos gêneros aqui analisados seguiu características constitutivas do próprio gênero. Por exemplo, na enquete a predominância da sequência textual é a dialogal, uma vez que função do gênero é justamente promover a interação direta do leitor com texto.

Constatou-se, ainda, referente à terceira hipótese – O blog por sua extensão em relação ao tweet, enquete e plantão de notícias, provavelmente prevalece a predominância do fenômeno da heterogeneidade tipológica –, que o gênero tweet e plantão de notícias podem conter a heterogeneidade tipológica, visto que, com o acesso ao hiperlink o leitor é direcionado a notícia completa, abrindo margens para outros tipos de sequências textuais.

A partir dos gêneros do domínio jornalístico, observou-se, a heterogeneidade das sequências proposta por Adam, em que todos os quatro gêneros investigados na pesquisa (tweet, blog, plantão de notícias e enquete) puderam ser descritos como “tipos relativamente estáveis de enunciado”, em termos de *composição*, *conteúdo temático* e *estilo*. Constituindo práticas diversas no domínio jornalístico, viu-se que esses gêneros contribuem de um modo específico para a efetivação dos propósitos comunicativos e objetivos do jornal ou dos interlocutores envolvidos.

Embora esteja trabalhando com o gênero do jornal digital, sem levar em consideração o processo didático, pode-se aplicar o domínio dos tipos ao ensino, já que as mesmas, são essenciais para a construção de sentido do texto. Além da diversidade de tipologias e gêneros textuais-discursivos que essa pesquisa aborda, pode-se utilizar essas variedades

dos gêneros de jornais para que o aluno conheça os diversos tipos de discursos, de textos, criando assim mecanismos para que o indivíduo possa desenvolver a competência de leitura e escrita.

Como trabalho futuro surgem questões voltadas ao estudo de cunho pedagógico, pensando no trabalho com a leitura e interpretação de textos a partir dos gêneros, tendo em vista estrutura composicional. Além disso, as sequências podem ser analisadas nos livros didáticos, buscando compreender como opera a construção de sentidos nos gêneros dos livros didáticos.

Assim, conclui-se a partir do que foi observado, no decorrer deste trabalho, o quanto o estudo contribui para o aprendizado sobre o estudo dos gêneros do domínio jornalístico no meio digital, colaborando, imensamente, na minha formação enquanto futura profissional de Letras.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. **Quatro teórico de uma tipologia sequencial**. In: BEZERRA, Benedito Gomes *et al.* (orgs.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: EDUPE, 2009, p.115-131.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal / Os gêneros do discurso**. tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2ª ed. — São Paulo Martins Fontes, 1997.
- BENTES, Anna Cristina. *Linguística Textual*. In: BENTES, Anna Cristina; MUSSALIM, Fernanda (Org.) **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2003, 259-301.
- BONINI, Adair. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236
- BONINI, Adair. *Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino*. In: _____ **Gêneros textuais reflexões e ensino**. Organizadores Acir Mário Karwoski, Beatriz Gaydecka e Karim Siebeneicher Brito. – 4.ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 53-67
- BRONCKART, Jean-Paul. *Sequências e outras formas de planificação*. In: _____ **Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscurso**. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. – 2.ed., 1.reimpr. – São Paulo: EDUC, 2009. p. 217-238
- ESCUREDO, Camila. **As sequências tipológicas dentro dos gêneros jornalísticos**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Bauru - SP – 2013. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0244-1.pdf>
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Linguística textual: introdução** / Leonor Lopes Fávero, Ingedore Grunfeld Vilaça Koch. – 10. Ed. – São Paulo: Cortez, 2012.
- HEINE, Lícia Bahia. *O texto em discussão: reflexões sobre uma nova fase da linguística textual*. In: _____ **Inquietações do texto e do discurso**. – Salvador: EDUFBA, 2018.
- KOCH, Ingedore V. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore V. **Ler e compreender: os sentidos do texto** / Ingedore Villaça KOCH e Vanda Maria Elias. – 3. Ed., 8ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

LÉ, Jaqueline Barreto. **Referenciação e gêneros jornalísticos: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal digital**. Tese (Doutorado). Universidade Federal Do Rio De Janeiro, Faculdade De Letras, Programa De Pós-Graduação Em Linguística. Rio de Janeiro-RJ, 2012. p. 88-140

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: _____ **Gêneros textuais e ensino**. Organizadores Angela Paiva Dionisio, Anna Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra. – 5.ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19-36

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. (Orgs.). – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação*. In: _____ **Gêneros textuais reflexões e ensino**. Organizadores Acir Mário Karwoski, Beatriz Gaydecka e Karim Siebeneicher Brito. – 4.ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31

SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de; BIASI-RODRIGUES, Bernadete. Um estudo da seqüência argumentativa em editoriais de jornais. **CAVALCANTE, MM et al. Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e seqüências textuais**. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 141-168, 2007.

